

TEATRO VIVO

*O Arquiteto
e o Imperador
da Assíria*

*Fernando
Arrabal*

ABRIL CULTURAL

FERNANDO ARRABAL

(1932 -)



CAMERA PRESS

“Quando a solidão do homem encontra o reino dos sonhos, quando as esperanças se misturam à realidade cotidiana, quando o prisioneiro recusa sua miséria no mundo dos fantasmas, então se produzem cataclismas — tumultos interiores onde se juntam indistintamente realidade e ficção, revolta e submissão. . . Multiplicados ao infinito, eles chafurdam em minúsculas células, esforçando-se por sobreviver e esperar. Seus dias são povoados pela triste realidade cotidiana e suas noites por sonhos opressivos. É através de seu contato que Fernando Arrabal, um mágico da palavra e da imagem, transcreve o mundo trágico desses homens da noite.”

(Jean-Jacques Olivier)

© - Copyright desta edição, 1976
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

*Adriano
Abril 1971*

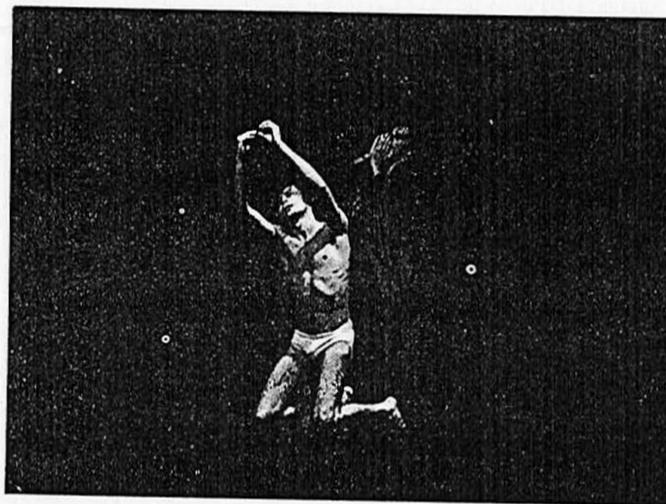
OS CAMINHOS DA LIBERDADE

Fernando Arrabal nasceu em Melilla (Marrocos espanhol), no dia 11 de agosto de 1932. Seu pai, Fernando Arrabal Ruiz, era comunista e foi preso em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola. Durante seis anos percorreu as prisões de Ceuta, Ciudad Rodrigo e Burgos. Em Ceuta tentou o suicídio; de Burgos, fugiu, nunca mais foi visto.

Em 1959, na novela autobiográfica *Baal-Babilônia*, Arrabal refere-se ao pai e à importância que teve em sua vida: "Um homem enterrava meus pés na areia. Era na praia de Melilla. Lembro-me das suas mãos em minhas pernas. Eu tinha três anos. Enquanto o sol brilhava, o coração e o diamante se estilhaçavam em inúmeras gotas de água. Perguntam-me sempre quem mais me influenciou, quem admiro mais, e então, esquecendo Kafka e Lewis Carroll, a terrível paisagem e o palácio infinito, esquecendo Gracian e Dostoiévski, os confins do universo e o sonho maldito, respondo que foi alguém de quem me lembro apenas das mãos nos meus pés de criança: meu pai".

Sua mãe, Carmen Terán Arrabal, mulher muito religiosa e devotada rigidamente às obrigações domésticas, envergonhava-se do marido ateu e "vermelho", omitindo a Fernando e seus dois irmãos todas as informações sobre o marido. Quando Arrabal Ruiz foi julgado, em março de 1937, e condenado a trinta anos de prisão, Carmen não fez o menor movimento no sentido de ajudá-lo a suportar a prova. Escrevia-lhe cartas duras e reprovativas, que teriam provocado no marido a tentativa de suicídio no presídio de Ceuta. Carmen nunca procurou entender as idécias do marido e guardou consigo a mágoa de ter que assumir os filhos sozinha, trabalhando e escondendo dos vizinhos que Arrabal Ruiz era um preso político. Chegou-se mesmo a aventar a possibilidade de que teria sido ela a denunciá-lo à Falange. Em *Os Dois Carrascos (Les Deux Bourreaux)*, o próprio Arrabal sugere a denúncia, mas, em 1956, quando escreveu essa obra, seu rancor contra a mãe ainda estava muito vivo.

Em 1941, já vivendo em Madri com os três filhos, Carmen foi informada de que o marido desaparecera da prisão de Burgos. Na noite da fuga, havia mais de um metro de neve na cidade. Arrabal Ruiz estava vestido apenas com um pijama. Mas nem sua morte nem sua sobrevivência puderam ser provadas. Muitos anos depois, Arrabal tentou localizá-lo, conversando com guar-



ABRIL PRESS/ANTONIO ANDRADE

José Wilker (o arquiteto) e Rubens Corrêa (o imperador), os intérpretes da montagem apresentada no Teatro Ipanema do Rio de Janeiro em 1970.

das e alguns de seus companheiros, mas nada conseguiu apurar.

Quando foi notificada da fuga do marido, Carmen reuniu os filhos e comunicou-lhes simplesmente que o pai falecera. Aos 16 anos, vasculhando documentos da família, Fernando inteirou-se da verdade e o choque da notícia levou-o a romper com a mãe. Durante cinco anos não falou com ela.

Nessa época, Fernando estava cursando a Academia Militar, na qual ingressara em 1947, convencido pela família a fazer carreira no Exército. Como seu espírito militar era nulo, trocava as aulas por sessões de cinema, empolgando-se com os irmãos Marx e Chaplin. À noite, lia muito: Lewis Carroll, Dostoiévski, Kafka e Proust. A vida era então, segundo ele, terrível.

Baixinho, mordaz, exótico, perambulava pelas ruas e ia acumulando sua raiva de tudo e de todos. "Odiava a Espanha porque na rua todos caçoavam da minha estatura; odiava minha mãe e minha família porque eram franquistas." A revelação sobre o pai acelerou sua saída da Academia Militar.

No outono de 1949 partiu para Tolosa, indo trabalhar numa

era muito breve, mas para o dramaturgo estava muito claro que em Madri não havia condições para escrever.

Em 1955, sem saber que estava tuberculoso, concretizou seus planos de partida. A família, inconformada com sua decisão, não lhe deu o menor apoio; na hora da despedida os gritos da mãe foram ouvidos por todos os vizinhos: "Valha-me Virgem Maria! Meu filho há de pagar!"

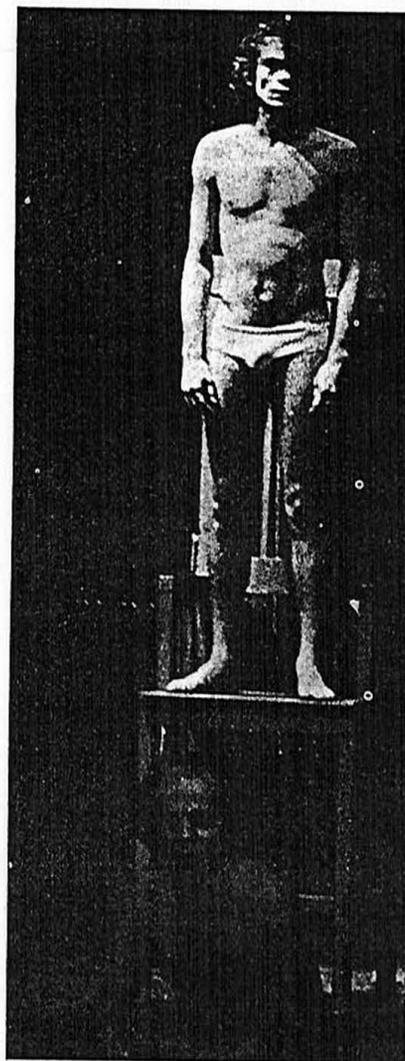
A PAIXÃO SEGUNDO ARRABAL

No inverno de 1955, Arrabal instalou-se na Casa da Espanha, na Cité Universitaire de Paris. Luce Moreau, uma estudante francesa, passou a ser sua companhia constante. Em fevereiro de 1956, graças a ela, Arrabal se transferiu da Cité Universitaire para o sanatório de tuberculosos de Bouffémont, onde ficaria um ano e meio.

Fernando Arrabal considera o período em Bouffémont um dos melhores de sua vida: "Conservo as melhores recordações do sanatório. Tinha todo o tempo livre para mim, o pessoal era bom e a comida farta". Em Bouffémont escreveu quatro peças: *Fando e Lis (Fando et Lis)*, *Cerimônia para um Negro Assassinado (Cérémonie pour un Noir Assassiné)*, *O Labirinto (Le Labyrinthe)* e *Os Dois Carrascos (Les Deux Bourreaux)*. No fim de sua estadia no sanatório, Luce encaminhou o texto de *O Triciclo* a Jean-Marie Serreau que, fascinado com Arrabal, comprometeu-se a publicar todas as suas obras.

Animado pela perspectiva dos 300 francos mensais que Serreau se propôs a pagar, Arrabal entregou-se freneticamente à tarefa de escrever. Em dois anos, produziu oito textos: *Cemitério de Automóveis (Le Cimetière des Voitures)*, *Orquestração Teatral (Orchestration Théâtrale)*, *Os Quatro Cubos (Les Quatre Cubes)*, *A Primeira Comunhão (La Communion Solennelle)*, em 1957, e no ano seguinte, *Concerto Dentro de um Ovo (Concert Dans un Oeuf)*; *Guernica (Guernica)* e *A Bicicleta do Condenado (La Bicyclette du Condamné)* foram escritas em 1959.

Quando Serreau montou a primeira peça de Arrabal, *Pique-nique no Front*, o nome do escritor já era conhecido nos meios intelectuais parisienses. Serreau via no teatro de Arrabal a mesma tendência para o absurdo que marcava a obra de Beckett, Ionesco e outros dramaturgos. Apesar da admiração pelos autores de van-



ABRIL PRESS/ANTONIO ANDRADE

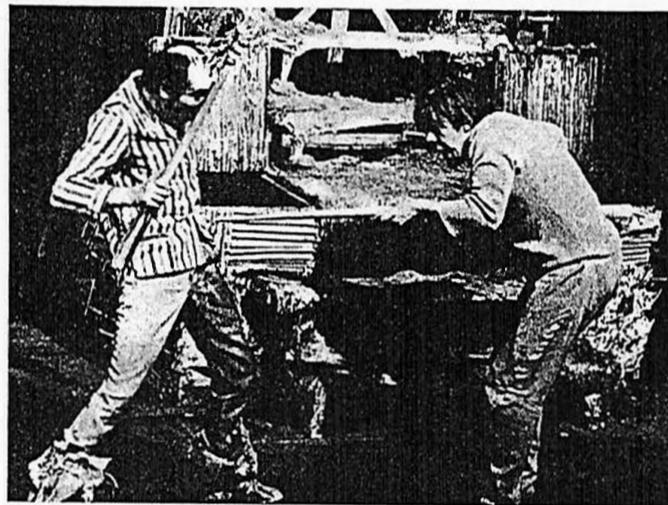
Incapaz de levar até o fim a farsa da superioridade, o imperador (Rubens Corrêa) exige para si um julgamento, no qual ele será o réu, e o arquiteto (José Wilker), o juiz.

guarda, Arrabal afirmava que suas obras tinham horizontes mais selvagens, menos especulativos e mais espetaculares. Longe de qualquer preocupação teórica, colhia a matéria teatral dentro de sua memória, de seus medos e pesadelos. Obcecado por uma infância prisioneira, Arrabal criava personagens sem idade definida, usando uma linguagem e uma lógica que não faziam parte do mundo dos adultos. São freqüentes os jogos de palavras, o *nonsense*, a violência instintiva, as imagens colhidas no inconsciente. Arrabal diz que escreve tudo o que lhe passa pela cabeça, que não revê o que cria, nem se detém numa palavra ou frase para refazê-la. Não é incomum que suas peças girem em torno do mesmo tipo de personagem, temas e situações, infatigavelmente repetidos, como se o autor tivesse um compromisso muito maior consigo mesmo que com o público. "Eu escrevo para mim, como para me drogar. Se o público não gosta, tanto pior. É um jogo, uma exaltação."

Geralmente o herói de Arrabal é ambíguo. Tirano e escravo, bom e cruel, inocente e culpado, vítima e carrasco, vive sempre à margem de um mundo ordenado que ele não compreende. Seu espaço, a terra de ninguém; sua condição, a miséria. A maior ameaça que paira sobre ele vem do mundo exterior, expressa através da repressão brutal e anônima que surpreende seus valores anti-sociais e sua liberdade, acabando por imobilizá-lo. Nessa situação, a personagem feminina de Arrabal é mais lúcida que o homem, realizando a mediação entre o herói e o mundo opressor. A mulher aparece sempre sob um tríptico aspecto de mãe-criança-prostituta, plena de instintos e intuição. Escrava ou déspota, ela é a fonte de todas as possibilidades de iniciação do homem. E toda a dramaticidade de Arrabal vem do jogo das relações entre as personagens e das múltiplas combinações que seus caracteres ambíguos lhes permite.

Em *Fando e Lis*, dois adolescentes reescrevem a história de Romeu e Julieta. Seu amor é negado não pelas famílias, mas por sua condição física. Fando conduz Lis, que é paraplégica, dentro de um carrinho de criança. Sem poder possuí-la fisicamente, ele transforma seu desejo sexual em violência. Mas Lis, a inválida, consegue encontrar certa fascinação no sofrimento, e, quando domina a situação, é capaz, por seus mutismos, de levar Fando ao desespero. As inversões brutais na relação senhor-escravo são um dos aspectos mais notáveis nas peças de Arrabal.

Fidio e Lilbé de *Oração (Oraison)*, após matarem uma



THREE LIONS, INC./TEATRO ITALIA, HAMBURGO

Muitas vezes, as relações entre o Imperador (o homem civilizado) e o arquiteto (o homem primitivo) redundam em agressão e desordem.

criança, decidem se tornar bons e puros; para isso, lêem o Velho e o Novo Testamento. Mas a descoberta da história de Jesus os desconcerta. "O menino ajudou seu pai que era carpinteiro a fazer mesas e cadeiras. Como ele era muito sábio, a mãe o abraçava muitas vezes. (...) Depois ele se fez homem e o mataram: eles o crucificaram com cravos nas mãos e nos pés. Você se dá conta?" Essa peça, escrita em 1957, anuncia a idéia de *Cemitério de Automóveis*, produção de 1960, onde Emanou, o herói, também é tomado por irresistível desejo de ser bom e acaba como Cristo, traído e assassinado.

A encenação mais famosa de *Cemitério de Automóveis* foi realizada em 1966 pelo diretor argentino Victor García. Na montagem que ele apresentou pela primeira vez no Festival de Dijon e posteriormente em Paris e São Paulo, *Cemitério de Automóveis* era apenas uma das quatro peças de Arrabal integradas às várias seqüências do espetáculo. Funcionando como prólogo, estava *Oração*, logo a seguir vinha o 1.º ato de *Cemitério de Automóveis*, depois a ação de *Os Dois Carrascos*, sucedida pelo 2.º ato

do *Cemitério*, o texto de *Primeira Comunhão* e, finalmente, o epílogo da peça principal.

Num cemitério de pesadelo, entre sucata e carcaças de automóveis, Fidio, personagem de *Oração*, ao descobrir a história de Jesus, prepara os espectadores para Emanou, de *Cemitério de Automóveis*, uma espécie de Cristo da era do jazz, que tem 33 anos e dois amigos, Topé (Judas) e Fodère (Pedro).

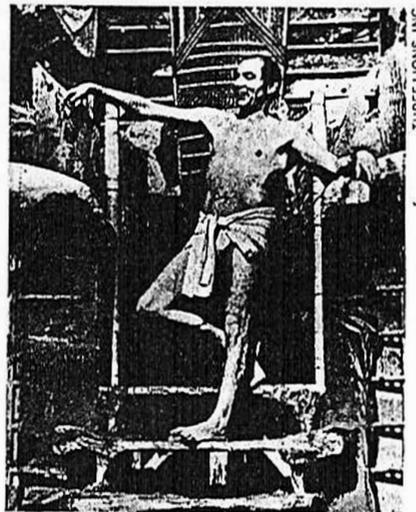
Na intersecção de *Primeira Comunhão*, nos momentos finais de *Cemitério de Automóveis*, Victor García procurou não romper com a ação da peça mestra. Escrita em 1958, *Primeira Comunhão* é praticamente um longo monólogo de uma avó que se dirige à netinha que vai comungar pela primeira vez, discorrendo sobre as virtudes da ordem e da limpeza e as vantagens de uma vida cristã. Enquanto a avó discursa para uma menina desinteressada, prepara-se paralelamente o suplicio de Cristo-Emanou.

Após uma paródia das cenas da paixão de Cristo, nas quais Judas-Topé beija e trai o herói e Fodère-Pedro o renega três vezes, Emanou é crucificado numa motocicleta, mas, ao contrário de Jesus, não tem esperanças de ressurreição.

A violência de *Cemitério de Automóveis* foi acentuada pela ação de *Os Dois Carrascos*. De cunho autobiográfico, essa peça conta a história de denúncia e morte, na qual uma mãe delata o marido “culpado de ter comprometido o futuro dos seus filhos” em atividades subversivas. Maurice e Benoit, seus filhos, tomam posições radicalmente opostas em relação ao gesto que levaria o pai à prisão, onde ele seria torturado e morto. Enquanto Benoit se coloca ao lado da mãe, Maurice repele com horror a delação. Mas Françoise, a mãe, no papel da grande mártir, consegue que Maurice lhe peça perdão, pois acima de tudo foi pensando neles que assim procedeu. Sem muita convicção e quase chorando, o filho “rebelde” abraça a mãe. Houve quem visse na personagem de Maurice o símbolo de um povo humilhado, mas não vencido.

O HUMOR, A POESIA, O PÂNICO

Quando Victor García montou *Cemitério de Automóveis*, o nome de Fernando Arrabal estava estreitamente ligado ao chamado teatro pânico. O conceito de “pânico” começara a ser elaborado a partir das discussões de Arrabal, Roland Topor, Alexandre Jodorowski, Jacques Sternberg e outros intelectuais, que



Sobrevivente de um desastre aéreo, o imperador (Marlin Benrath) é herdeiro de um mundo hierárquico — o mundo dos civilizados.

entre 1960 e 1962 se reuniam no Café de la Paix, em Paris.

Numa conferência em Sidney, por ocasião da montagem australiana de *Fando e Lis*, em 1963, Arrabal dizia que pânico não era um grupo nem um movimento, mas uma “maneira de ser” de acordo com uma ideologia que tinha por fundamento a exaltação da moral múltipla.

Arrabal definia o herói pânico como um desertor: “Ele tem fantasmas (paranóia e não esquizofrenia), megalomania e modéstia, desespero (e não angústia; ele não se suicida), doenças ou deformações, ciúmes, fetichismo, necrofilia, mitomania, etc.”. O teatro pânico era, em suma, um grande cerimonial presidido por confusão, humor, terror, acaso e euforia.

Nos primeiros anos da década de 60, as publicações, exposições e filmes de curta metragem do grupo fizeram sucesso em Paris. Topor realizou um *happening* memorável, com 500 quilos de carne fresca; Jodorowski — que era um dos melhores encenadores do teatro de Arrabal —, inspirado no teatro espanhol do século de ouro (XVI), montou um grande auto sacramental; Gallimard fez aparecer nas livrarias a primeira coleção de livros pânico; Arnaiz pintou o quadro *Arrabal Combatendo sua Megalo-*

mania. Por outro lado, uma série de diretores como Victor García, Jodorowski, Georges Vitaly, Jorge Lavelli, Jérôme Savary, animados pela necessidade de fazer um teatro novo, inquietante e liberador de emoções, encontraram na obra de Arrabal um veículo perfeito para suas proposições.

Na verdade, as novas inquietações em relação ao espetáculo teatral não se circunscreviam ao grupo pânico e aos encenadores que gravitavam em torno dele. Como diz o próprio Arrabal, o pânico estava no ar. Possivelmente, não o mesmo tipo de pânico, mas a preocupação com um teatro onde a platéia fosse atingida numa relação direta, torturante e muitas vezes física. Apesar de diferirem das tentativas de Jerzy Grotowski, de Peter Brook, ou do Living Theatre, nenhum deles negava a necessidade do teatro se fazer ritual, romper seus espaços convencionais e entrar num contato mais estreito com o público. Como Antonin Artaud, eles achavam que o teatro devia realizar uma função: "O teatro não poderá tornar a ser ele próprio, ou seja, constituir um meio de ilusão verdadeira, se não fornecer ao espectador modelos verídicos de sonhos, em que seu apetite do crime, suas obsessões cróticas, sua selvageria, suas quimeras, sua noção utópica de vida e das coisas e seu próprio canibalismo transbordem para um plano que não é suposto nem ilusório, mas interior".

Antonin Artaud elaborara seu *Manifesto do Teatro da Crueldade* em 1932. Trinta anos depois suas idéias encontraram eco numa nova geração de encenadores. E muitos deles, mesmo ignorando as teorias de Artaud, chegavam por seus próprios caminhos a conclusões semelhantes.

O pânico foi inicialmente revelado por Arrabal nos romances *O Enterro da Sardinha* (*L'Enterrement de la Sardine*), de 1961, e *A Pedra da Loucura* (*La Pierre de la Folie*), de 1964. As primeiras peças do teatro pânico surgiram em 1964: *A Coroação* (*La Couronnement*), *O Grande Cerimonial* (*Le Grand Cérémonial*) e *Strip-Tease do Ciúme* (*Strip-Tease de la Jalousie*). Dois anos depois ele escreveria uma das melhores peças da sua carreira, *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* (*L'Architecte et L'Empereur d'Assyrie*). Quando a obra foi montada, em 1967, por Jorge Lavelli, seu sucesso projetou o nome de Arrabal numa grande parcela de público que, desinteressada pelas manifestações de vanguarda, ainda não o conhecia. Como ele próprio diria: "Eu acho que o povo começou a dizer, para si mesmo, Arrabal existe".

Arrabal existia, mas o governo espanhol não sabia. Nesse ano,



THREE LIONS. INC/TEATRO THALIA, HAMBURGO

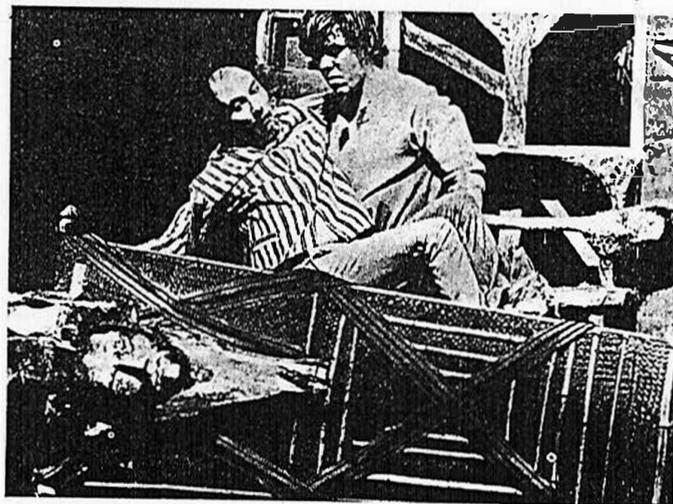
A solidão é preenchida com um perpétuo jogo de faz-de-conta. Mas nos momentos de trégua um tortura o outro com a possibilidade do abandono.

seria preso em Múrcia. Foi sua última viagem à Espanha. De volta a Paris, terminou uma nova peça, *O Jardim das Delícias (Le Jardin des Délices)*, para a qual fora buscar atmosfera na Espanha. A obra, inspirada na fantasmagoria simbólica de um quadro de Hieronymus Bosch, enriqueceu-se com a experiência da prisão. A personagem principal, Lais, era uma artista que vivia reclusa no mundo das quimeras e fantasias de sua infância e adolescência, vividas num internato religioso. Arrabal mostra esse mundo terrível e repressivo, com suas práticas inquisitoriais que foram reavivadas na visita à Espanha. Mas a expressão mais clara de sua experiência de preso político foi registrada em 1969, em *E Eles Colocaram Algemas nas Flores (Et Ils Passèrent des Menottes aux Fleurs)*. Durante um ano, a peça ficou em gestação. Nesse período ele escreveu *Aurora Vermelha e Preta (L'Aurore Rouge et Noire)*, *Bestialidade Erótica (Bestialité Erotique)* e *Uma Tartaruga Chamada Dostoiévski (Une Tortue Nommée Dostoievsky)*, preparando-se para registrar, à sua maneira, a tragédia dos prisioneiros políticos.

O título, *E Eles Colocaram Algemas nas Flores*, foi inspirado numa frase de Lorca: "Diga às flores que não se envaideçam de sua beleza. Pois elas serão algemadas e viverão sob os ventos corrompidos da morte". Essas palavras, pronunciadas pelo poeta pouco antes de morrer, são consideradas por Arrabal um aceno premonitório à repressão que se abateria sobre a Espanha.

E Eles Colocaram Algemas nas Flores é uma mescla de fantasia e realidade, surrealismo e documentário, através da qual o autor desvela a paródia dos julgamentos políticos, as degradantes condições das prisões espanholas e as etapas do processo que condenam um homem ao garrote vil. Os sonhos, no curso dos quais os prisioneiros experimentam seus únicos momentos de liberdade, são um aspecto da realidade obsessivamente revelada por Arrabal. Em seus delírios oníricos, os detidos liberam seu erotismo, mas não conseguem tirar da memória os seus pavores.

A peça prevê a integração da cena com o espectador. Desde o momento em que o público faz sua entrada no teatro, começa a participar do espetáculo, pois ele não senta onde deseja, mas onde o ator, que o conduz ao espaço de representação, acha que ele deve ficar. Os planos reservados à platéia praticamente se confundem com os planos da ação. Por assim dizer, o espectador está dentro da peça o tempo todo, gozando do mesmo desconforto que as personagens, torturado por seus sonhos e por sua



THREE LIONS, INC. THEATRO THALIA, HAMBURGO

A todo instante o imperador ostenta a sua superioridade de homem civilizado. Em muitos momentos, porém, ele não consegue dissimular a sua fragilidade.

condição. Arrabal sugere que na metade do espetáculo ou no epílogo o espectador participe realmente da ação, no momento em que os atores, improvisando, convidam a assistência a contar um fato de sua vida, ou pedem voluntários para um ritual sadomasoquista. Na França e nos Estados Unidos, mais da metade da audiência queria participar, o que transformava o espaço cênico numa grande área de psicodrama. Arrabal colocava nessa obra todos os pontos do manifesto de Artaud, alguns dos quais já tinham aparecido em peças anteriores, sobretudo na montagem que Víctor García realizou para *Cemitério de Automóveis*.

Em 1970, Arrabal voltou-se para o cinema e realizou o filme *Viva La Muerte!*, uma adaptação de seu romance *Baal-Babilônia*. Seguiram-se *A Árvore de Guernica (L'Arbre de Guernica)* e *Eu Corrirei como um Cavalo Louco*, onde os mitos e obsessões de Arrabal são levados ao paroxismo.

Alguns críticos sustentam que Arrabal, onde quer que manifeste seu gênio criativo, realiza sempre a mesma obra, delirante e autobiográfica, cuja fonte é a Espanha mística, blasfema, repri-

mida, repressora, trágica, farsesca e barroca. O próprio Beckett dizia aos juizes de Madri, em carta que foi lida pelo advogado de Arrabal durante o processo de 1967: "Onde quer que suas peças sejam montadas — e elas são montadas em todos os lugares — a Espanha está ali".

À PROCURA DA METAMORFOSE

O cenário de *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* é uma ilha deserta. As personagens, dois homens. Um, civilizado, único sobrevivente de um desastre aéreo. O outro, um primitivo. A peça inicia-se precisamente com um quadro rápido: o encontro do civilizado com o assustado homem primitivo. A luz se apaga e quando o palco volta a se iluminar, dois anos decorreram. Agora, eles são o arquiteto e o imperador da Assíria.

O sobrevivente, herdeiro de um mundo hierárquico — o mundo dos civilizados —, ressuscitou como um hipotético Imério, fez-se imperador e nomeou como seu absurdo arquiteto o homem primitivo. Nos dois anos que se seguiram ao acidente, o imperador ensinou o selvagem a falar e incansavelmente tenta ainda fazer com que seu aluno assimile os valores de sua cultura.

Em seu refúgio numa antiguidade hipotética, o homem civilizado não conseguiu banir seus fantasmas e, apesar dos esforços que faz para esquecer o passado, ele vem à luz a todo instante, trazido do fundo de sua memória e de seu inconsciente. Ao se fazer supremo mandatário de uma nação impossível, constatou que seu único súdito e servidor goza de mais vantagens do que ele, pois não tem passado, nem memória — e, principalmente, não tem mãe.

Mesmo distante do mundo civilizado e traumático, o imperador não consegue deixar de sonhar e fantasiar suas perversões e seus medos, arrastando continuamente para seu jogo o parceiro único. Uma imagem, uma lembrança, uma palavra, são capazes de desencadear uma série de situações, sentimentos, conflitos, que se multiplicam e se movimentam com a velocidade das imagens cinematográficas. A todo momento as máscaras se modificam e se invertem os papéis de dominador-dominado. Os dois homens são alternadamente mãe e filho, marido e mulher, vítima e carasco, juiz e criminoso. Há momentos de verdade no intervalo do jogo, mas eles escapam ao parceiro. Cada uma das persona-



THREE LIONS INC/TEATRO THALIA, HAMBURGO

O imperador: "O mundo civilizado! Que maravilha! Durante séculos o homem acumulou conhecimentos e enriqueceu sua inteligência até atingir essa maravilhosa perfeição que é a vida moderna".

gens entrega-se à representação de várias pessoas num caleidoscópio de situações. Entretanto, sob a aparente desordem, o espectador sente a dramaticidade sutil que nasce das relações entre os jogadores.

A solidão é permanentemente preenchida por esse perpétuo jogo de faz-de-conta. Nos momentos de trégua, um tortura o outro com a possibilidade de abandono ou se fecha num silêncio desesperador que o outro não suporta. Ambos se invejam, cada qual por seus motivos. O arquiteto deseja tornar-se civilizado; o imperador aspira à barbárie, à inocência, à ignorância e ao poder sobre a natureza de que o arquiteto desfruta.

Dissimulando sua fragilidade, o imperador a todo instante ostenta sua superioridade de civilizado: "O mundo civilizado! Que maravilha! Durante séculos o homem acumulou conhecimentos e enriqueceu sua inteligência até atingir essa maravilhosa perfeição que é a vida moderna. Por toda parte a felicidade, a alegria, a tranquilidade, o riso, a compreensão".

Mas o arquiteto é capaz de ordenar a um pássaro que lhe traga um copo de água ou de remover uma montanha para o

imperador, que tem vagas suspeitas de que ele possa ler seus pensamentos e descobrir a fraude de sua onipotência. Eles se temem e se odeiam e se necessitam e se amam — e estão condenados a viver juntos. Incapaz de levar até o fim a farsa da superioridade, o imperador exige para si um julgamento, no qual ele será o réu, e o arquiteto, o juiz. Sua culpa: ter assassinado a mãe. Única atenuante: estava sufocado pelo amor materno.

O longo processo que toma todo o segundo ato vai revestir-se das mesmas características de ambivalência. O imperador veste as máscaras da esposa, do irmão, de um cego, das várias outras testemunhas de acusação. Por seu turno, o arquiteto tem dois papéis dominantes: o de presidente do tribunal e o da vítima (a mãe).

Após desfilar seus motivos e testemunhos, o imperador exige que seja executado pelo arquiteto numa cerimônia de antropofagia. E, como num ritual de comunhão solene, o arquiteto come seu corpo, suga seu cérebro e descobre subitamente o inferno da consciência culpada e solitária que tanto atormentara o imperador. Este, sem cérebro e sem memória, reencarna-se no homem primitivo — e a peça termina exatamente como começou. Dá-se uma explosão e um homem entra em cena, dizendo: “Cavalheiro, venha me ajudar, sou o único sobrevivente do acidente”. Só que desta vez o sobrevivente é o arquiteto. E o jogo pode recomeçar.

Arrabal considera *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* uma peça terna. Diz tê-la escrito com “uma grande felicidade misturada com sofrimento e muita alegria”. Para muitos críticos é a demonstração mais feliz do teatro pânico. E embora não rompa com os limites convencionais do teatro, relativos ao espaço palco-platéia, o espectador entra no jogo e representa consigo mesmo a tragicomédia da cena.

Por seu movimento delirante, *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* não permite que o público seja apenas assistente. Quem se contentar com essa condição, terá perdido o melhor da festa: ou o rito ou o jogo ou as duas cerimônias combinadas. O imperador e o arquiteto estão dentro de todos os homens e a luta pela predominância dos papéis não tem trégua.

A cerimônia é devidamente orquestrada: todos os movimentos cênicos são indicados pelo autor e não há improviso. Como todas as peças de Arrabal tocam o espectador pelo fascínio — e não pela razão —, seu objetivo é a purgação das paixões. Por outro lado, a complexidade das personagens e do jogo cênico



THREE LIONS, INC./TEATRO THALIA, MAMBURGO

No final da peça, como num ritual de comunhão solene, o arquiteto come o corpo do imperador, suga seu cérebro, descobrindo sua consciência e culpa.

exige atores experimentados, capazes de dominar todas as técnicas de expressão corporal e oral.

Nas indicações para a montagem de *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* nos Estados Unidos, Jorge Lavelli, o diretor da encenação parisiense, sugeriu três nomes para o papel do imperador: Alec Guinness, Peter O'Toole e Paul Scofield, resumindo sua exigência numa pequena frase: “Que fosse pelo menos ator shakespeariano, sensível e engraçado, apaixonado e espiritual”. Para a personagem do arquiteto não sugeriu nomes, apenas dois traços essenciais: mistério e inocência.

Nesse sentido, os intérpretes brasileiros da montagem realizada em 1970 pelo Teatro Ipanema do Rio de Janeiro foram perfeitos. Rubens Corrêa, um de nossos atores mais completos, personificava o imperador, e o talentoso José Wilker, o arquiteto. Apoiados pela direção sensível de Ivan Albuquerque, eles realizaram um dos melhores espetáculos daquele ano.

Também em 1970, a peça causava grande impacto no festival shakespeariano de Stratford, Canadá, provocando grande entusiasmo em Sir Lawrence Olivier, que foi o produtor da montagem inglesa dirigida por Victor García em 1971.

FERNANDO ARRABAL

**O ARQUITETO
E O
IMPERADOR DA ASSÍRIA**

Peça em dois atos

Tradução de
Leila Ribeiro

e
Ivan Albuquerque

Título do original:
L'ARCHITECTE ET L'EMPEREUR D'ASSYRIE
• Copyright de Christian Bourgois Editeur, Paris.

65 ps

O ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSÍRIA

1.ª edição — março de 1977

• Copyright desta edição, 1977,
Abril S. A. Cultural e Industrial, São Paulo.
Tradução publicada com a licença de
Leila Ribeiro e Ivan Albuquerque.

Esta peça, na presente tradução, só poderá ser representada
ou utilizada, no todo ou em parte, seja por que processo for,
mediante autorização expressa da SBAT —
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
— Avenida Almirante Barroso, 97, 3.º andar, Rio de Janeiro.
Todo abuso será considerado violação da
propriedade intelectual, nos termos dos Códigos Civil e Penal.

PERSONAGENS

O IMPERADOR DA ASSÍRIA — guarda-roupa rico,
vestimentas antigas
e modernas, de es-
tilo barroco

O ARQUITETO — cobre nudez com uma pele de animal

ATO I

*A ação se passa numa pequena clareira,
numa ilha onde o Arquiteto vive só.*

*Cenário: uma cabana e uma espécie de
cadeira rústica. Ao fundo, abrolhos, urzes.*

QUADRO I

Barulho de avião.

O Arquiteto como um animal perseguido e ameaçado procura um refúgio, corre em todas as direções, escava a terra, treme, recomeça a correr e por fim enfia a cabeça na areia.

Explosão. Clarão forte de chamas.

O Arquiteto, com a cabeça enfiada na areia, tapa os ouvidos com as mãos e treme de medo.

Alguns instantes depois o Imperador entra em cena. Traz consigo uma grande mala. Possui uma certa elegância afetada. Procura guardar seu sangue frio.

Toca o outro com a ponta da sua bengala, dizendo:

Cavalheiro, venha me ajudar, sou o único sobrevivente do acidente.

ARQUITETO (*horrorizado*)

Fi! Fi! Fi! Figa! Figa! (*Por um momento olha aterrado para o Imperador, e sai correndo. Escuridão.*)

QUADRO II

*Dois anos mais tarde
Em cena, o Imperador e o Arquiteto*

IMPERADOR

Mas é tão simples. Vá, repita.

ARQUITETO (*tem uma certa dificuldade para pronunciar os*)

Ascensorista.

IMPERADOR (*com ênfase*)

Há dois anos que vivo nessa ilha, há dois anos que lhe dou aulas e você ainda hesita! Seria preciso que o próprio Aristóteles ressuscitasse para lhe ensinar que 2 e 2 são 4.

ARQUITETO

Já sei falar, não é?

IMPERADOR

Bom. . . Pelo menos, se alguém cair um dia aqui, nessa ilha perdida, você poderá lhe dizer *Ave Caesar*.

ARQUITETO

Mas hoje você tem que me ensinar. . .

IMPERADOR

Agora escute a minha musa cantar a cólera de Aquiles.
Meu trono!

(O Imperador se senta. O Arquiteto se inclina diante dele, numa reverência.)

IMPERADOR

Ah! Muito bem. Muito bem. Não se esqueça que sou o imperador da Assíria.

ARQUITETO

A Assíria é limitada ao norte pelo mar Cáspio, ao sul pelo oceano Índico. . .

IMPERADOR

Chega.

ARQUITETO

Agora me ensine o que você prometeu. . .

IMPERADOR

Calma, calma! Ah. (*Sonhador*) Ah! A civilização, a civilização!

ARQUITETO (*muito contente*)

Fale, fale.

IMPERADOR

Cale-se. O que você pode saber, você que viveu sempre enfiado nessa ilha que nem existe nos mapas e que Deus cagou no oceano, por desprezo?

ARQUITETO

Conte, conte.

IMPERADOR

De joelhos! (*O Arquiteto se ajoelha.*) Está bem, levante-se, não é preciso. (*O Arquiteto se levanta. Com muita ênfase*) Eu explico.

ARQUITETO

Ah, explique, explique!

— IMPERADOR

Cale-se! (*De novo com ênfase*) Eu explico: minha vida. (*O Imperador se levanta com grandes gestos.*) Levantava-me ao primeiro clarão da aurora, todas as igrejas, todas as sinagogas, todos os templos soavam suas trombetas. O dia começava a despontar. Meu pai vinha me acordar seguido de um regimento de violinistas. Ah! A música. Que maravilha! (*De repente inquieto*) Você cozinhou a lingüiça com as lentilhas?

ARQUITETO

Sim, majestade!

IMPERADOR

Onde é que eu estava? Ah, sim, o meu despertar pelo regimento de trombetistas que vinham de manhã, os violinos nas igrejas... Que manhãs! Que despertar! Depois vinham as minhas divinas escravas, cegas e nuas que me ensinavam a filosofia. Ah! A filosofia! Um dia eu lhe explico o que é.

ARQUITETO

Majestade, como é que elas explicavam a filosofia?

IMPERADOR

Não entremos em detalhes. E minha noiva... e minha mãe.

ARQUITETO

Mamãe, mamãe, mamãe.

IMPERADOR (*assustado*)

Onde foi que você ouviu essa palavra?

ARQUITETO

Foi você que me ensinou.

IMPERADOR

Quando? Onde?

ARQUITETO

Noutro dia.

IMPERADOR

Que foi que eu disse?

ARQUITETO

Você disse que sua mãe o punha no colo, o ninava, o beijava na testa e...

(O Imperador revê a cena evocada, ele se encolhe na cadeira como se uma pessoa invisível o ninasse, o beijasse.)

E você disse que às vezes ela lhe batia com um chicote e segurava a sua mão quando passeavam pelas ruas e que...

IMPERADOR

Pare! Pare! O fogo está aceso?

ARQUITETO

Está.

IMPERADOR

Tem certeza que fica aceso dia e noite?

ARQUITETO

Tenho, olhe a fumaça.

IMPERADOR

Está bem, tanto faz.

ARQUITETO

Como tanto faz? Você disse que, um dia, um navio ou um avião ia nos ver e vinha buscar a gente.

IMPERADOR

E então o que é que nós vamos fazer?

ARQUITETO

Aí nós vamos para o seu país, onde há automóveis, discos, televisão, mulheres, travessas de confete, quilômetros de pensamentos, quintas-feiras maiores que as da natureza e . . .

IMPERADOR (*mudando de conversa*)

Você preparou a cruz?

ARQUITETO

Está aqui. (*Mostra os espinhos.*) Vai me crucificar agora?

IMPERADOR

Mas como? É você que vai ser crucificado? Não eu?

ARQUITETO

Nós tiramos a sorte. Já esqueceu?

IMPERADOR (*colérico*)

Como é possível? Nós tiramos a sorte para saber quem iria redimir a humanidade?

ARQUITETO

Mestre, você esquece tudo.

IMPERADOR

Como é que nós tiramos a sorte? Com quê?

ARQUITETO

Com os charutos.

(*O Imperador tem um acesso de riso, enquanto repete: "charutos, charutos. . ."*)

Por que que está rindo, mestre?

IMPERADOR

Como? Agora você me trata por você?

ARQUITETO

Você disse que . . .

IMPERADOR

Nunca lhe disse o que significa a palavra "Charuto", chupar um charuto?

ARQUITETO

Então, posso ou não posso chamá-lo de você?

IMPERADOR

Minhas mulheres cegas que me ensinavam a filosofia vestidas somente com uma toalha de banho cor-de-rosa! Que memória a minha! Me lembro como se fosse ontem. Como elas acariciavam o meu divino corpo, como elas limpavam os recantos mais escondidos com... A cavalo!

ARQUITETO

Faço o cavalo?

IMPERADOR

Não, eu faço. *(O Imperador se põe de quatro. O Arquitecto monta.)* Diga, hei!

ARQUITETO

Hei, hei...

IMPERADOR

Bata-me com o chicote!

(O Arquitecto bate com um galho.)

ARQUITETO

Hei, hei! Mais depressa! Temos que chegar a Babilônia! Mais rápido! Hei!

(Eles trotam. Fazem várias vezes a volta da mesa. De repente o Imperador o joga ao chão.)

IMPERADOR *(fora de si)*

Como? Você não colocou as esporas?

ARQUITETO

O que são esporas?

IMPERADOR

Como é que você quer chegar a...

ARQUITETO

A Babilônia.

IMPERADOR *(aterrado)*

Onde é que você aprendeu essa palavra? Quem lhe ensinou? Quem vem visitá-lo enquanto estou dormindo?

(O Imperador se joga sobre ele e quase o estrangula.)

ARQUITETO

Foi você que me ensinou.

IMPERADOR

Eu?

ARQUITETO

É, você disse que era uma das cidades do seu império da Assíria.

IMPERADOR *(se refazendo com ênfase)*

Formigas! *(Olha um cortejo de formigas no chão.)* Formigas! Minúsculas escravas! Ide buscar na fonte uma ânfora cheia d'água. *(Senta-se no trono e espera. In-*

quieto) Não ouviram? (*Longo silêncio.*) Ide buscar uma ânfora cheia d'água, já disse. (*Furioso*) Como? Não se respeita mais o Imperador da Assíria? Será possível? Morram sob os meus pés!

(Dirige-se raivosamente em direção a um cortejo de formigas e as estraçalha com furor. Cai no trono, exausto.)

ARQUITETO
Toma.

IMPERADOR (*derrubando a taça*)
O que é que eu vou fazer com essa água? Só bebo vodka . . . (*Risinho.*)

ARQUITETO
Mas você não disse que . . .

IMPERADOR
E minha noiva, já lhe falei da minha noiva?

ARQUITETO (*como se repetisse uma lição*)
Ela - era - muito - bela - muito - linda - muito - loura
- com - olhos - verdes e . . .

IMPERADOR
Está debochando?

ARQUITETO
Você já me falou dela.

IMPERADOR
Quer fazer minha noiva?

ARQUITETO
Agora?

IMPERADOR
Não quer fazer minha noiva? (*Furioso*) Selvagem!

ARQUITETO
Agora sou sempre eu a noiva e você sempre é que me passa na cara . . .

IMPERADOR
Ensinei-lhe gíria também. Estou perdido.

ARQUITETO
Quando é que vai me ensinar arquitetura?

IMPERADOR
Para quê? Você já não é arquiteto?

ARQUITETO
Está bem, vou fazer a noiva.

IMPERADOR
Mas você não acabou de exprimir o desejo de que eu te ensine arquitetura? Ah! A arquitetura!

ARQUITETO
Nós estávamos dizendo que eu ia fazer a noiva.

IMPERADOR
Nós dizíamos que hoje vou te ensinar arquitetura . . . as

bases da arquitetura são . . . Está bem, eu faço a noiva, já que você insiste.

ARQUITETO

Então, quais são as bases da arquitetura?

IMPERADOR (*furioso*)

Eu disse que hoje eu faço a noiva, já que você tanto insiste.

ARQUITETO

Ponha a saia e as anáguas.

IMPERADOR

Não sei onde é que estão. Você perde tudo. Deixa as coisas todas jogadas. Mas . . . será possível que você ignore quais são as bases da arquitetura, um arquiteto da Assíria? Será possível que tenha abusado da minha confiança e eu lhe tenha conferido o título de Supremo Arquiteto da Assíria, quando você ignora até os rudimentos da arquitetura? O que dirão os vizinhos?

ARQUITETO

Foi você quem me nomeou. Não tenho culpa. Não sou eu o imperador.

IMPERADOR

Onde é que estão essas malditas anáguas? Formigas! Ide buscar minhas anáguas e minhas saias!

ARQUITETO

Elas não vão lhe obedecer.

IMPERADOR

Como não vão me obedecer? Formigas, escravas, ide

apanhar minhas anáguas, hoje eu represento a noiva . . . Não estão ouvindo? Onde é que estou com a cabeça? Esqueci que tinha estraçalhado todas . . . (*Com muita doçura*) Escute, seja franco, você acha que sou um ditador?

ARQUITETO

O que é um ditador?

IMPERADOR

Evidentemente não sou um militar. Digam, meus súditos, vocês se sentem oprimidos pelo meu jugo? Digam, confessem, sou um tirano?

ARQUITETO

Vai ou não vai vestir as anáguas?

IMPERADOR

Estou perguntando se sou um tirano.

ARQUITETO

Não. Você não é um tirano. (*Exaltado*) Chega.

IMPERADOR

Eu exterminei as formigas! Os tiranos . . .

ARQUITETO

As saias!

IMPERADOR

Mas vamos brincar de padre hoje?

ARQUITETO

Está bem, já vi que você não quer.

IMPERADOR *(sem enfiar a saia, se transforma em mulher, com voz de mulher)*

“Oh, meu amor, você me ama? Iremos juntos . . .”

ARQUITETO

“Você é tão bonita que quando penso em você sinto uma flor brotar entre minhas pernas e sua corola transparente cobrir minhas ancas . . . permite que toque nos seus joelhos?”

IMPERADOR *(mulher)*

“Nunca fui tão feliz assim, uma alegria tão grande me invade que das minhas mãos jorram jatos d’água para as suas mãos.”

ARQUITETO

“Você e os seus joelhos tão brancos, tão doces, tão redondos . . .”

IMPERADOR

“Acaricie-os.”

(O Imperador começa a levantar a perna das calças para mostrar os joelhos. Não consegue.)

IMPERADOR

Merda! As saias!

(Silêncio.)

ARQUITETO

Eu construí uma canoa . . .

IMPERADOR

Você vai partir? Vai me deixar sozinho?

ARQUITETO

Vou remar até chegar a uma outra ilha.

IMPERADOR *(com ênfase)*

Ó jovem afortunado, Homero se fez o pregoeiro das suas virtudes!

ARQUITETO

O que é que você está dizendo?

IMPERADOR

E sua mãe?

ARQUITETO

Nunca tive mãe, você sabe muito bem disso!

IMPERADOR

Você é filho de uma sereia e de um centauro, a união perfeita! *(Muito triste)* Mamãe, mamãe. *(Dá alguns passos para procurá-la debaixo do trono.)* Mamãe, onde é que você está? Sou eu, estou sozinho aqui, todos me esqueceram, mas você . . .

ARQUITETO *(que colocou um véu na cabeça e representa a mãe)*

“Meu filhinho, que é que você tem? Você não está sozinho, estou aqui, a sua mãezinha.”

IMPERADOR

Mamãe, todo mundo me detesta, me abandonaram nesta ilha.

ARQUITETO (*muito maternal, protege-o, envolvendo-o com os braços*)

“Não, filhinho. Estou aqui para protegê-lo. Você não deve se sentir sozinho. Conte tudo para mamãe.”

IMPERADOR

Mamãe, o Arquiteto quer me abandonar, construir uma canoa para ir embora e eu vou ficar aqui sozinho.

ARQUITETO (*mãe*)

“Não é nada disso; vai ver que é para o seu bem, ele vai buscar ajuda e vem salvá-lo.”

IMPERADOR

Tem certeza, mamãe?

ARQUITETO

Tenho, meu filhinho.

IMPERADOR

Mãezinha, não vá embora, fique aqui comigo para sempre.

ARQUITETO (*mãe*)

Está bem, filhinho, vou ficar aqui com você dia e noite.

IMPERADOR

Mamãezinha querida, beije-me.

*(O Arquiteto se aproxima para beijá-lo.
O Imperador o empurra com violência.)*

Você fede! Você fede! O que foi que você comeu?

ARQUITETO

A mesma coisa que você.

IMPERADOR

Então marque hora no dentista. Vá obter os dentes. Você tem mau hálito.

ARQUITETO

Você prometeu . . .

IMPERADOR

Eu prometi, eu prometi . . . E daí? Traga minha caixa de charutos.

ARQUITETO (*com uma reverência*)

Que a vontade de Vossa Majestade seja feita. *(Sai e volta com uma pedra.)*

IMPERADOR

Quando falo meus charutos, falo de charutos cubanos . . .

(O Arquiteto sai por um instante e volta com a mesma pedra.)

ARQUITETO

Aqui estão, senhor.

IMPERADOR (*toca na pedra, finge escolher um bom charuto, apanha, cheira, corta a ponta*)

Ah, que perfume digno dos deuses! Ah, esses charutos!

ARQUITETO (*finge acender o charuto com um isqueiro*)

Aqui está o fogo, senhor.

IMPERADOR

Como? Com um isqueiro? Você, um mordomo que estudou na Universidade de... Que vergonha! Onde é que você botou a canoa?

ARQUITETO

Na praia.

IMPERADOR (*muito triste*)

E quando construiu? (*Sem deixá-lo responder*) Por que é que construiu sem me dizer nada? Jura que não vai embora sem me dizer nada.

ARQUITETO

Juro.

IMPERADOR

Por quem?

ARQUITETO

Por quem você quiser, por quem é de mais sagrado.

IMPERADOR

Pela Constituição da ilha.

ARQUITETO

Mas não é uma monarquia absoluta?

IMPERADOR

Silêncio! Aqui quem fala sou eu e só eu.

ARQUITETO

Quando é que você vai me ensinar isso?

IMPERADOR

Mas de que é que você está falando? Você passa todo o santo dia a cacarejar "ensine-me isso, ensine-me aquilo".

ARQUITETO

Você prometeu que hoje ia me ensinar como é que a gente faz para ser feliz.

IMPERADOR

Agora não; mais tarde, prometo.

ARQUITETO

Você responde sempre a mesma coisa.

IMPERADOR

Está duvidando da minha palavra?

ARQUITETO

Quando a gente é feliz, como é que é?

IMPERADOR

Vou lhe contar isso. Que impaciência, que impaciência! Ah! A juventude!

ARQUITETO

Sabe como é que eu imagino a felicidade? Acho que, quando a gente é feliz, a gente está junto de alguém que tem a pele muito fina e depois a beijamos nos lábios e tudo se encobre de uma névoa rósea e o corpo da pessoa se transforma numa multidão de espelinhos e quando olhamos para ela somos refletidos milhões de vezes, e passeamos com ela montados nas zebras e nas panteras

em volta de um lago e ela nos puxa por uma corda e quando olhamos para ela chovem penas de pombos, que, caindo no chão, relincham como potros jovens e entramos depois num quarto e começamos a passear de mãos dadas pelo teto. . . *(fala precipitadamente)*. . . e as cabeças se cobrem de serpentes que nos acariciam, e as serpentes se cobrem de ouriços que nos fazem cócegas e os ouriços se cobrem de ouro, cheios de presentes, e escaravelhos de ouro. . .

IMPERADOR
Chega!

ARQUITETO
Mu! Mu! *(Põe-se de quatro.)* Está vendo, sou uma vaca.

IMPERADOR
Cale a boca, você é louco.

ARQUITETO
Masturbe-me.

IMPERADOR
Você não me respeita mais?

ARQUITETO
Você é o mui ilustre e mui sábio imperador da mui poderosa Assíria. *(Faz grandes reverências.)*

IMPERADOR
O que foi que você sonhou hoje?

ARQUITETO

A Assíria, que é o maior império do mundo ocidental, na sua luta contra a selvageria do mundo oriental. . .

IMPERADOR

Grandíssimo asno! É o contrário!

ARQUITETO

Estou falando do perigo amarelo. . .

IMPERADOR

Ah, agora virou reacionário?

ARQUITETO

Não é assim?

IMPERADOR

Façamos a guerra.

(Eles se preparam. Agacham-se. Apanham as "metralhadoras". Atiram: tac, tac, tac. Arrastam-se pelo chão e se encontram cara a cara camuflados. Cada um tem um capacete e uma bandeira.)

ARQUITETO *(camuflado, vendo-se apenas a sua bandeira)*

Aqui, a Rádio dos vencedores. *(Voz de locutor)* Soldados inimigos, não vos deixeis enganar pela propaganda mentirosa de vossos oficiais. É o general-chefe que vos fala. Ontem liquidamos com bombas de hidrogênio a metade da população civil do vosso país. Rendei-vos como soldados e tereis direito às honras de guerra. Por um mundo melhor!

IMPERADOR *(a mesma coisa)*

Aqui fala a Rádio Oficial dos futuros vencedores. É o marechal-chefe quem vos fala. Soldados inimigos, não vos deixeis seduzir pela demagogia de vossos superiores. Ontem nossos foguetes massacraram toda a população civil da vossa nação, a população civil de vossa nação, a população civil de vossa nação . . .

(Disco arranhado. O Arquiteto sai camuflado do seu setor. Chora. O Imperador também sai chorando. Eles dão as costas um para o outro, todos dois vestidos de soldados e "armados". Choram olhando as fotografias dos seus civis mortos. De repente se viram, se examinam, apontam as armas e gritam)

ARQUITETO e IMPERADOR

Mãos ao alto, traidor!

(Mãos ao alto, eles jogam longe as metralhadoras e se olham com pavor. Enfim:)

ARQUITETO

Você é um soldado inimigo?

IMPERADOR

Não me mate!

ARQUITETO

Você também não me mate!

IMPERADOR

Mas é assim que vocês lutam por um mundo melhor?

ARQUITETO

Para falar a verdade tenho medo da guerra. Fico bem agachado na minha trincheira . . . na esperança de que isso termine logo.

IMPERADOR

Eu levantei as mãos para o alto por sua causa. Tenho nojo. Bonitos soldados, os do exército inimigo!

ARQUITETO

E vocês?

IMPERADOR

Eu, não sou um guerreiro, aqui no meu setor, nós queremos apenas que tudo isso acabe logo. Mas o que você está olhando nessas fotografias?

ARQUITETO *(quase chorando)*

Toda a minha família que vocês mataram com as suas bombas.

IMPERADOR *(condescendente)*

Vamos, meu velho, não chore, olhe os meus que vocês também mataram.

ARQUITETO

Também? Realmente não temos sorte. *(Chora copiosamente.)*

IMPERADOR

Permite que eu chore com você?

ARQUITETO

Está bem, mas isso não é uma tática de guerra, é?

(Eles choram como duas fontes.)

IMPERADOR *(joga fora, com majestade, o seu equipamento de soldado)*

Ah, que vida era a minha! Todas as manhãs meu pai vinha me acordar com um cortejo de bailarinas. Todas elas dançavam só para mim. Ah! A dança. Um dia vou lhe ensinar a dançar. Toda a Assíria assistia ao meu despertar graças à televisão. Depois vinham as audiências. Primeiro a audiência civil que concedia no meu leito, enquanto as minhas escravas hermafroditas me penteavam e derramavam sobre o meu corpo todos os perfumes da Arábia. Começava então a audiência militar que concedia do alto do meu trono suspenso, por fim a audiência eclesiástica. . . . *(Muito inquieto)* Qual é a sua religião?

ARQUITETO

A que você me ensinou.

IMPERADOR

Então você acredita em Deus?

ARQUITETO

Você me batiza?

IMPERADOR

Como? Você não é batizado? Está perdido. Durante toda a eternidade vai assar dia e noite e as mais belas diabinhas serão escolhidas para excitá-lo, mas elas lhe enfiam ferros em brasa no cu.

ARQUITETO

Você disse que eu ia para o céu.

IMPERADOR

Ah, meu filho! Como conhece mal a vida!

ARQUITETO

Confesse-me.

(O Imperador se senta no trono. O Arquitecto se põe de joelhos.)

Padre, eu me acuso de. . .

IMPERADOR

Mas que farsa é essa? Sou eu outra vez que faço o papel de confessor! Fora daqui, seu pestinha idiota. Não o confesso. Vai morrer esmagado pelo peso dos seus crimes e queimar por toda a eternidade por culpa minha.

ARQUITETO

Sonhei que. . .

IMPERADOR

Quem foi que pediu para você contar seus sonhos?

ARQUITETO

Você acabou de me pedir. . .

IMPERADOR

Que m'importam os seus sonhos. . . Está bem, conte.

ARQUITETO

Sonhei que estava sozinho numa ilha deserta, de repente caía um avião, aí entrei em pânico e corria para todos os lados e quis até enterrar a cabeça na areia, quando alguém atrás de mim me chamou e. . .

IMPERADOR

Pare. É muito esquisito esse sonho! Freud, me ajude!

ARQUITETO

É erótico também?

IMPERADOR

E você acha que podia ser de outro jeito?

ARQUITETO (*traz um chicote*)

Bata-me.

IMPERADOR (*condescendente*)

Que papel você quer que eu represente?

ARQUITETO

Tanto faz.

IMPERADOR

Sua mãe?

ARQUITETO

Depressa, bata, não agüento mais. (*Está com as costas nuas e espera pelas chicotadas.*)

IMPERADOR

Por que tanta pressa? Agora é preciso servir ao mestre na hora certa. Falou, está feito.

ARQUITETO

Então me bata, só dez chicotadas. (*Tom suplicante*) Por favor.

IMPERADOR

“Só” dez chicotadas. Na minha idade? Por acaso você pensa que sou o jovem Hamlet pulando por cima dos túmulos dos seus antepassados podres?

ARQUITETO

Bata-me, bata-me, não agüento mais, estou me sentindo mal.

IMPERADOR

O que é isso? Não adianta dar um ataque histérico. Eu o açoito . . . Mas . . . quantas vezes?

ARQUITETO

Quantas vezes quiser, mas depressa. Se me bater com força, uma vez chega.

IMPERADOR

Onde devo açoitá-lo, meu senhor? (*Com ênfase*) Sobre as róseas nádegas, sobre seu torso do ébano, sobre as suas pernas, colunas elegíacas da imortal Esparta . . .

ARQUITETO

Bata-me, bata-me.

IMPERADOR

Está bem, lá vou eu.

(Com muita solenidade ele o açoita só uma vez, muito de leve e com extrema doçura: o chicote apenas aflora a sua pele. O Arquitecto se joga sobre o Imperador, arranca-lhe o chicote e se fustiga duas vezes

com muita violência. Cai por terra como louco. Depois se levanta e vai embora.)

ARQUITETO

Vou embora para sempre.

(O Imperador acompanha a cena com majestade.)

IMPERADOR

Está bem. Sejamos shakespearianos. Isso me dá a oportunidade para um monólogo. *(Soluça. Assoa o nariz num grande lenço.)* Ah, enfim só! *(Caminha com ar agitado.)* Mas como é que eu vou fazer para redimir a humanidade sozinho? *(Mima a crucificação. De repente, urrando)* Arquitecto! Arquitecto! *(Mais baixo)* Perdoe-me. *(Soluça e se assoa. Mima a crucificação.)* Os pés, sim. Os pés consigo pregar melhor do que um centurião, mas... *(Mostra com gestos a dificuldade de pregar as mãos.)* Arquitecto! Volte, eu lhe bato quanto você quiser e com a força que você quiser. *(Chora. O Arquitecto entra. Muito digno o Imperador pára de soluçar.)* Ah, está aí, não é? Escutando atrás das portas? Me espionando?

ARQUITETO

Você não está zangado, não é?

IMPERADOR

Quer que eu bata?

ARQUITETO

Não precisa.

IMPERADOR

Já lhe falei das minhas catorze secretárias?

ARQUITETO

As catorze - secretárias - sempre - nuas - que - escreviam - as obras-primas - que - você - lhes - ditava.

IMPERADOR

Você tem a audácia de debochar da minha literatura? Pois fique sabendo que fui Prêmio... como é mesmo...

ARQUITETO

Prêmio - Nobel - e - você - recusou - porque...

IMPERADOR

Cale a boca, energúmeno, o que é que você entende de moral?

ARQUITETO

A moral é limitada ao norte pelo mar Cáspio, ao sul...

IMPERADOR

Animal! Você mistura tudo. Isso é a Assíria. Confundir a Assíria com a moral! Que troglodita! Que selvagem!

ARQUITETO

Quer que escureça?

IMPERADOR

Para mim, tanto faz.

ARQUITETO

Le-lo-mi-loooooo-looooo.

(O céu se escurece enquanto o Arquitecto

diz essas palavras e a noite cai. Escuridão total.)

VOZ DO IMPERADOR *(no escuro)*

Mais uma das tuas brincadeiras! Já estou cheio. Que o dia volte. Faça voltar a luz. Ainda não escovei os dentes.

VOZ DO ARQUITETO

Mas você disse que eu podia fazer o que eu quisesse.

VOZ DO IMPERADOR

Tudo o que você quisesse, menos fazer a noite cair.

VOZ DO ARQUITETO

Está bem, lá vou eu!

VOZ DO IMPERADOR

Depressa.

VOZ DO ARQUITETO

Mi-ti-riiii-tiiii!

(A luz volta como tinha desaparecido.)

IMPERADOR

Não faça mais isso.

ARQUITETO

Pensei que você quisesse dormir.

IMPERADOR

Não se meta nisso. Já temos muita coisa para fazer. Deixe a natureza cuidar do sol e da lua.

ARQUITETO

Então me ensina filosofia?

IMPERADOR

A filosofia? Eu? *(Sublime)* A filosofia? Que maravilha! Um dia vou ensinar-lhe essa maravilha humana. Esse divino fruto da civilização. *(Inquieto)* Diga-me uma coisa, como é que você faz para transformar o dia em noite?

ARQUITETO

Ora! É muito simples. Eu nem sei como é que é.

IMPERADOR

E essas palavras que você resmunga?

ARQUITETO

Falo assim, sem saber por quê. Mas posso fazer a noite sem falar isso também. É só querer.

IMPERADOR *(intrigado)*

E essas palavras . . . *(Retomando-se)* Grandíssimo ignorante! Você não viu nada! Já lhe falei da televisão, da Coca-Cola, dos tanques, dos museus de Babilônia, dos nossos ministros, dos nossos papas, da imensidão do oceano, da profundidade de nossas teorias . . .

ARQUITETO

Conte, conte!

IMPERADOR *(majestosamente, enquanto se senta no trono)*

Pássaro! É, você que está aí nesse galho, vá apanhar para mim uma perna de cabrito. Não está ouvindo? Sou o imperador da Assíria. *(Espera, numa pose de grande*

senhor. Inquieto) Como? Você ousa se revoltar contra o meu poder ilimitado, contra a minha ciência e a minha soberana eloquência, minha palavra e meu orgulho? Ordenei que fosse buscar uma perna de cabrito. *(Ele espera. O Imperador apanha uma pedra e a joga na direção do galho.)* Pois bem, você vai morrer . . . Reinarei apenas sobre súditos obedientes.

ARQUITETO

Que se jogarão aos pés do mais poderoso dos imperadores do Ocidente. *(Prosterna-se aos pés do Imperador.)*

IMPERADOR

Do Ocidente? Do Ocidente e do Oriente. Você ignora que a Assíria já lançou vários satélites habitados a Netuno? Diga, existe alguma outra façanha comparada a essa?

ARQUITETO

Ninguém é mais poderoso sobre a nossa amada terra!

IMPERADOR

Ai! Meu coração! A padiola! *(O Imperador se contorce de dor. O Arquiteto volta com uma padiola.)* Escute o meu coração. Sinto uma dor, uma pontada. Infelizmente, o meu fraco coração . . . *(O Arquiteto se curva para auscultar o coração do Imperador. Ele escuta.)*

ARQUITETO

Sossegue, Imperador, não é nada. Descanse e a dor vai passar como das outras vezes.

IMPERADOR *(arquejante)*

Não, dessa vez é grave. Sinto que vou desmaiar. Tenho certeza de que é um enfarte do miocárdio.

ARQUITETO

O seu pulso está quase normal.

IMPERADOR

Obrigado, meu filho. Sei que procura me consolar.

ARQUITETO

Durma um pouco, vai ver que tudo passa.

IMPERADOR *(inquieto)*

Minhas últimas palavras? Eu esqueci. Diga, diga depressa, quais são?

ARQUITETO

“Morro e me sinto feliz: abandono uma vida transitória para entrar na imortalidade.” Mas não se aflija com isso.

IMPERADOR

Eu desejo confiar-lhe uma coisa, uma coisa que nunca confessei a ninguém. Quero morrer disfarçado. *(Uma pausa.)* Disfarçado em *(muito esnobe)* . . . valete de paus.

ARQUITETO

Valete de quê?

IMPERADOR

Valete de paus. Faça o que peço. É muito simples: você coloca um pau entre as minhas nádegas para que eu possa ficar de pé, e me vista com uma fantasia de valete.

ARQUITETO

Sua vontade será feita.

IMPERADOR

Ai! Estou morrendo, estou morrendo! Faça o que eu

pedi. *(O Arquiteto traz um bastão e a fantasia: um saco. Ele disfarça o Imperador. Abre um buraco no saco para que a figura apareça.)* Ai! Mãezinha, estou morrendo.

ARQUITETO

Acalme-se. Você vai ficar bom. Aí está a roupa de valete de paus.

IMPERADOR

Beije-me. *(Eles se beijam. O Imperador, com voz arquejante)* “Morro contente: abandono essa vida transitória para...” *(Sua cabeça cai. O Arquiteto chora lágrimas ardentes. Toma-lhe a mão e a beija.)*

ARQUITETO *(soluçando)*

Está morto! Está morto!

(Coloca o cadáver disfarçado num caixão. Fecha o caixão. Começa a abrir uma fossa, sempre em lágrimas. De repente o caixão se abre e o Imperador sai, tirando o disfarce.)

IMPERADOR

Seu porco, seu bosta, seu lixo, então ia me enterrar. Selvagem, hermafrodita, débil mental.

ARQUITETO

Mas você não mandou?

IMPERADOR

Enterrar-me? Idiota, cretino. E quando eu acordasse no túmulo, quem é que ia me tirar de lá, com dez palmos de terra em cima de mim?

ARQUITETO

Na última vez...

IMPERADOR

Já disse para você me incinerar. *(Sublime)* E jogar minhas cinzas no mar, como as de Byron, de Shakespeare, de Fênix, de Netuno, de Plutão.

ARQUITETO

Outro dia você ficou furioso porque eu ia incinerá-lo, disse que ia acordar com os culhões queimados, dançando rumba e gritando “Viva a República!”

IMPERADOR *(muito sério)*

Curvo-me diante dos seus caprichos. Mas tome cuidado com a minha morte. Não quero nada errado. Dessa vez foi um rosário de erros. Que fossa a minha!

ARQUITETO

Vou m'embora no meu barco.

IMPERADOR *(humildemente)*

Para onde?

ARQUITETO

Para ilha em frente. Deve ser habitada.

IMPERADOR

Que ilha? Não vejo nenhuma ilha.

ARQUITETO

Aquela, lá embaixo.

IMPERADOR

Não vejo nada.

ARQUITETO

A montanha está atrapalhando. Vou afastar. *(O Arquiteto bate com as mãos. Ouve-se um estrondo enorme.)*
Está vendo agora?

IMPERADOR

Você move montanhas? Você move as montanhas também . . . *(Sincero)* Não vá embora. Faça o que você quiser. Nomeio-o imperador da Assíria, abdicó.

ARQUITETO

Vou embora e vou arranjar uma noiva . . .

IMPERADOR

Mas eu não chego para você?

ARQUITETO

Vou passear pelas cidades e cobrir as ruas de garrafas para que os adolescentes se embriaguem, e colocar por toda parte balanços para que as avós mostrem os fundilhos, vou comprar uma zebra, cruza-a com um veado para que ela tenha galhos, vou ser muito feliz, pois vou conhecer o mundo e vou ver . . .

IMPERADOR

Arquiteto, confesse que me odeia.

ARQUITETO

Não, não o odeio.

IMPERADOR

Dou-lhe de presente os meus sonhos, quer?

ARQUITETO

Você sonha sempre a mesma coisa, sempre o jardim das delícias, sempre Bosch, já estou cansado de ver mulheres com rosas plantadas no cu.

IMPERADOR

Você não é um artista, é um grosso! Ignora o sublime, só gosta da escória.

ARQUITETO

O que é que vale mais? Você nunca me disse.

IMPERADOR

Vá ao meu guarda-roupa imperial e apanhe a roupa que quiser.

ARQUITETO

Quando eu for embora vou ter todas as roupas que quiser: vou me vestir com fósforos, de uma maneira vaga e indefinida, vou ter ceroulas de lata e gravatas elétricas, túnicas em xícaras de café e camisas cinza-pérola rodeadas de uma cadeia infinita de caminhões carregados de casas.

IMPERADOR

Quer que o circuncide? Guardo seu prepúcio sobre um altar e ele fará milagres, tantos quanto Cristo.

ARQUITETO

Ensine-me filosofia?

IMPERADOR

Ah! A filosofia! A filosofia! *(De repente se põe de quatro.)* Sou o elefante sagrado. Suba nas minhas costas e

vamos para o Ano Santo de Brama. *(O Arquiteto sobe nele.)* Enrole a corrente em volta da minha tromba. *(Ele põe a corrente.)* E agora me faça andar e reze.

ARQUITETO

Para frente elefante branco . . .

IMPERADOR

Sou um elefante sagrado, sou cor-de-rosa!

ARQUITETO

Para frente elefante sagrado cor-de-rosa, vamos em peregrinação ver Brama das catorze mãos, vamos ser abençoados catorze vezes por segundo. Viva Deus! *(O Imperador o joga ao chão.)*

IMPERADOR

Que palavras sacrílegas você pronunciou?

ARQUITETO

Viva Deus!

IMPERADOR

Viva Deus! Ah, então não sei se é um sacrilégio. Preciso ler a *Suma Teológica* ou então a Bíblia em quadrinhos.

ARQUITETO

Antes de ir embora, queria lhe fazer um pedido.

IMPERADOR

Diga tudo . . . Sou seu pai, sua mãe, sou tudo para você. *(Pausa.)* Um momento, estão me chamando ao telefone vermelho. *(Cerimoniosamente mima a cena do telefone.)*

Sim, aqui fala o Presidente. *(Uma pausa.)* Pode falar! Pode falar! Ó caro Presidente, como é que vai? *(Um tempo.)* Que simpático! Sempre brincando! *(Fingindo enrubescer)* Uma declaração. Presidente, nós não estamos mais no internato. *(Pausa.)* Mas não, não leve a coisa para esse lado, não sabia que o senhor era homossexual. Fazer uma declaração a mim! Velho libidinoso, libertino! *(Pausa.)* Como? Uma declaração de guerra ao meu país? *(Com cólera)* Do alto desses arranha-céus, dez mil séculos vos contemplam! Eu vos estriparei como uma mosca estripa um elefante selvagem, meu povo invadirá o vosso e . . . O quê? Uma bomba de hidrogênio vai estourar nas nossas cabeças dentro de trinta segundos? Mamãe, mamãe. *(A seu secretário)* Um guarda-chuva! *(O Arquiteto abre um guarda-chuva e ambos se refugiam debaixo. Ao telefone)* Criminoso de guerra! Assassino das sogras! *(Ao Arquiteto)* E nós que tínhamos preparado os aviões para jogar as bombas de surpresa amanhã às cinco horas. Meu reino por um Fênix!

(Eles mimam o barulho da queda de uma bomba. Morrem, vítimas do bombardeio. Caem nos abrolhos. De repente surge o Arquiteto, o Imperador, imitando dois macacos. Eles se unham no rosto. Contemplam a desolação em que tudo ficou depois das bombas.)

ARQUITETO *(macaco)*

Hum, hum, não sobrou nem um homem vivo depois da guerra atômica, hum, hum.

IMPERADOR (*macaco*)

Hum! Hum! Papai Darwin! (*Os dois macacos se abraçam apaixonadamente.*)

ARQUITETO (*macaco*)

É preciso recomençar tudo de novo. (*Refugiam-se num lugar propício para ficarem a sós.*)

IMPERADOR (*mudando de tom, muito colérico*)

Eu o proíbo de ir embora, proíbo de fazer um último pedido, sou eu quem manda aqui; ordeno que destrua o barco.

ARQUITETO

Vou embora.

IMPERADOR

Por que tanta pressa? Juventude desmiolada, desnor-teada. Você não é feliz comigo?

ARQUITETO

O que quer dizer feliz? Você nunca me ensinou.

IMPERADOR

Feliz . . . Feliz significa . . . (*Colérico*) Merda, eu não sei nada. (*Terno*) Você fez hoje?

ARQUITETO

Fiz.

IMPERADOR

E como é que você fez, duro ou mole?

ARQUITETO

Hum . . .

IMPERADOR (*inquieta*)

Como é que não sabe? Por que é que não me chamou? Gosto tanto de ver você fazer . . .

ARQUITETO

Era meio mole e cheirava . . .

IMPERADOR

Deixe para lá o cheiro . . . (*Mais calmo*) Estou sempre com prisão de ventre. (*Pausa.*) Seria bem diferente se você fosse formado, se tivesse cursado uma universidade, qualquer uma. Nós não nos compreendemos. Pertencemos a dois mundos diferentes.

ARQUITETO

Eu . . . (*Sinceramente*) Gosto de você.

IMPERADOR (*muito emocionado, quase chorando*)

Você está debochando de mim.

ARQUITETO

Não.

IMPERADOR (*se assoa, dá uma volta sobre si mesmo e diz, em outro tom, muito enfático*)

Você não pode imaginar: todas as manhãs a televisão da Assíria transmitia o meu despertar, meu povo contemplava esse espetáculo com tal emoção que as mulheres choravam e os homens murmuravam meu nome. Depois corriam, para me ver, trezentas admiradoras nuas e sur-

das que cuidavam do meu delicado corpo, perfumando-o com essência de rosas.

ARQUITETO

Conte-me, como é o mundo.

IMPERADOR

Você quer dizer o mundo civilizado. Que maravilha! Durante milhares de séculos o homem acumulou conhecimentos e enriqueceu sua inteligência até atingir essa maravilhosa perfeição que é a vida moderna. Por toda parte a felicidade, a alegria, a tranqüilidade, o riso, a compreensão. Tudo foi criado para tornar a existência do homem mais simples, sua felicidade maior, sua paz mais duradoura. O homem descobriu tudo o que é necessário para o seu conforto e hoje é o ser mais feliz e mais sereno de toda a criação. Um copo d'água.

ARQUITETO *(falando com um pássaro que o espectador não vê)*

Pássaro, traga-me um copo d'água. *(Ligeira espera. O Arquiteto acompanha seu voo. Estende a mão e apanha o copo que o pássaro trouxe.)* Obrigado!

IMPERADOR *(depois de ter bebido)*

Agora você fala com os pássaros na minha língua?

ARQUITETO

Isso é o de menos. O importante é o que penso: entre nós, há transmissão de pensamento.

IMPERADOR *(apavorado)*

Diga-me uma coisa, sem mentir: você lê meus pensamentos?

ARQUITETO

Quero escrever. Ensine-me a ser escritor. Você deve ter sido um grande autor.

IMPERADOR *(vaidoso)*

Tenho sonetos famosos! E peças de teatro, com monólogos e apartes. Nenhum escritor conseguiu igualar-se a mim. Os melhores me copiaram! Beethoven, d'Annunzio, James Joyce, o próprio Shakespeare e seu sobrinho Bernstein.

ARQUITETO

Diga-me uma coisa, como é que você a matou?

IMPERADOR

Quem?

ARQUITETO

Bem...

IMPERADOR

Mas quando? Como? Quando é que lhe falei disso?

ARQUITETO

Já esqueceu?

IMPERADOR

Eu, esquecer? *(Pausa.)* Escute. Retiro-me do mundo. Vou me consagrar somente à meditação. Acorrente-me.

ARQUITETO

Por que vai se retirar do mundo?

IMPERADOR *(com solenidade religiosa)*

Ouçá, essas são minhas últimas palavras: estou cansado de viver, quero me afastar de tudo o que ainda me prenda ao mundo; quero me desligar de você. Sobretudo, não fale mais comigo. Ficarei só, mergulhado nas minhas meditações.

ARQUITETO

Isso é uma nova brincadeira.

IMPERADOR

Não, é a verdade. De qualquer maneira tenho de me acostumar a ficar sozinho para quando você for embora com o barco.

ARQUITETO

Eu não vou mais.

IMPERADOR

Chega de falação. Traga as correntes.

(O Arquitecto traz as correntes. O Imperador passa as correntes em volta do tornozelo e se prende numa árvore.)

ARQUITETO

Onde é que você vai?

IMPERADOR

Entro na minha cabana. Nunca mais fale comigo.

ARQUITETO

Mas . . .

(O Imperador entra na cabana.)

IMPERADOR *(solenemente)*

Adeus! *(O Imperador desaparece no interior da cabana.)*

ARQUITETO

Está bem, já entendi que é um jogo. Saia daí. *(Silêncio. Pouco a pouco aparecem as roupas do Imperador pela clarabóia.)* Mas . . . Por que é que está se despindo? Vai se resfriar. *(Olha pela clarabóia. O Imperador fecha por dentro.)* Escute, deixe-me ao menos vê-lo! Abra a clarabóia. *(Pausa. O Arquitecto escuta atrás da porta.)* Como, você está rezando? Abra um pouquinho só. Está dormindo? Pare de resmungar. Será possível que agora você deu para rezar? Você vai morrer? Vou lhe contar meu sonho. Escute: sonhei que era uma Sabina e vivia numa cidade muito antiga. Um dia os guerreiros chegaram, com Casanova e Don Juan como chefes, e me raptaram. Isso lhe interessa? *(Olha para todos os lados. Faz um gesto em direção aos abrolhos.)* Serpente! Traga-me um leitão. *(Entra no mato e se debruça para frente.)* Que rapidez! Obrigado, muito obrigado. *(Volta com um pernil de leitão.)* Imperador da Assíria, suas admiradoras acabaram de trazer um leitão. Sinta o perfume. *(Passeia com ele nos braços.)* É a comida que você mais gosta, como é? Não vem buscar? *(Silêncio. O Arquitecto sai de cena e volta vestido de mulher: é uma roupa sumária que se pode pôr ou tirar com facilidade.)* Olhe pela fresta, admire a linda garota que desembarcou nesta ilha. *(O Arquitecto vai e volta coquetemente.)*

ARQUITETO (*mulher*)

Imperador, saia, sou sua humilde escrava. Ofereço-lhe todas as bebidas, as iguarias mais deliciosas e meu corpo escultural que lhe pertencem. (*Silêncio.*) Arquiteto, que é que eu posso fazer para que o homem dos meus sonhos saia para me ver?

ARQUITETO

Você que é mulher deve saber melhor que eu. De qualquer modo ele é tão ciumento que nem ousou ficar por aqui.

ARQUITETO (*mulher*)

Imperador, saia um minuto! Que a minha boca rele nos seus lábios divinos, que minhas mãos acariciem seu corpo de ébano, que nossos ventres se juntem numa eterna união.

ARQUITETO

Como você é linda! Você se parece tanto com a mãe do Imperador, não sei como ele resiste a tanto charme.

ARQUITETO (*mulher*)

Ó Imperador, você é cruel como as hienas do deserto, se me abandona, terei de ir embora com o Arquiteto.

ARQUITETO

Não me beije com tanta paixão, o Imperador é ciumento como um tigre.

ARQUITETO (*mulher*)

Ó lindo jovem, fecho os olhos e quando o abraço finjo estar nos braços do Imperador. Como você é jovem e

sedutor. O provérbio é verdadeiro: tal imperador, tal escravo. Deixe-me abraçar o seu ventre de fogo.

ARQUITETO

Ah! Chega! Não posso mais resistir. Como você é bela e feiticeira! Mesmo que o Imperador saia e me mate num acesso de ciúmes, eu me rendo, vítima do seu encanto. (*Barulho de beijos, murmúrios apaixonados. De repente o arquiteto furioso se dirige para a clarabóia.*) Não falo mais com você. Não falo mais com você. E não adianta depois vir me dizer que é meu amigo. Não quero mais vê-lo. Vou buscar meu barco e vou embora para sempre. Não quero nem mesmo me despedir; dentro de alguns minutos vou remar para a ilha de frente.

(Sai furioso. Longo silêncio. Ouve-se o Imperador murmurar orações. O murmúrio vai crescendo. A porta se abre. O Imperador aparece nu ou vestido com uma minúscula tanga.)

IMPERADOR (*em tom meditativo*)

Construirei para mim uma gaiola de madeira e me fecharei dentro. De lá perdoarei à humanidade todo o ódio que ela demonstra por mim. Perdoarei meu pai e minha mãe pelo dia em que seus ventres se uniram para me engendrar. E perdoarei minha cidade, meus amigos e meus vizinhos por não terem percebido meu valor e ignorado quem sou, e perdoarei, e perdoarei. . . (*Inquieto, olha de um lado para o outro. Enquanto fala, fabrica um espantalho que coloca sobre o trono.*) Ah! Acorrentado. Enfim, só! Ninguém mais vai me contradizer, ninguém vai debochar de mim, ninguém será testemunha de minhas fraquezas. Acorrentado! Que felicidade. *Vivan las cadenas!* Meu universo: uma circunferência que tem por raio

o comprimento da corrente. *(Mede.)* Digamos três metros. *(Mede outra vez.)* Digamos dois metros e meio ou talvez três e meio. Portanto, se o raio é de três metros, digamos quatro, eu não quero roubar, a superfície terá πR^2 , isto é 3,1416, R igual a 3, ao quadrado nove, multiplicado por π . . . dá doze metros quadrados. Que mais poderiam querer os H.L.M.? *(Choramíngua, se assoa. Começa a vestir o espantalho com suas roupas de imperador, continuando seu monólogo. Procura subir numa árvore, sem sucesso. Pula, procura ver ao longe. Por fim, grita)* Arquiteto! Arquiteto! Venha, não me deixe sozinho. Estou sozinho. Arquiteto! Arquí. . . *(Recobra-se.)* Preciso me organizar. Nada de negligências. Levantar às nove da manhã. Pequena toailete. Meditação. Pensar na quadratura do círculo. Talvez escrever sonetos. A manhã passará sem que eu sinta. À uma hora, almoço, abluções, depois pequena sesta, se masturbar uma vez, somente uma, mas bem, que isso dure três quartos de hora. Para isso eu penso nessa atriz, como é mesmo que ela se chama, estou com o nome na ponta da língua, com pernas arqueadas tão estranhas, tão sexy e esses cabelos louros e esse ventre tão proeminente. . . *Stop!* Depois da sesta. . . *(Cuida dos detalhes para que o espantalho reproduza exatamente sua própria silhueta.)* Aí está, falando sozinho. Você ficou esquizofrênico. Não pode fazer isso. Cuidado com a loucura. *(Pausa.)* De tarde, uma hora para me lembrar da minha família, outra para recordar o Arquiteto, ou meia hora, ou talvez ele mereça apenas quinze minutos. Jantar. Abluções. Enfim, cama. . . digamos, às dez horas. Três ou quatro horas para conseguir dormir, e outro dia vai chegar. Quanta economia vou fazer: nem cinema, nem jornais, nem coca-cola. *(Sempre falando, tira a corrente. Olha para todos os lados e grita tristemente)* Arquiteto! Arquiteto!

Volte! *(Imitando a voz do Arquiteto)* Ascensorista, ascensorista, ascensorista! *(Humildemente, ao espantalho)* Não brigue comigo, sei que faz um ano que você me ensina a falar e não consigo pronunciar o *s* certo. *(Faz uma profunda reverência.)* Conte, Imperador, como era o seu despertar na Assíria, ao som da música tocada por uma legião de flautistas. A televisão transmitia o seu despertar, não é? E cem mil escravas, acorrentadas e marcadas com o seu selo, se apressavam em lavar e esfregar cada célula do seu corpo divino com perfumes do Afeganistão. *(Finge escutar o que diz o Imperador.)* Não, minha vida não tem importância. *(Pausa.)* Não, não estou me fazendo de rogado, mas minha vida não tem nenhuma graça. *(Pausa.)* O que é que eu era? Minha profissão? Não interessa. *(Envergonhado)* Pois bem, ultimamente tinha um bom salário. Como minha mulher ficou contente quando me aumentaram! Se tivesse continuado poderia subir pelo elevador principal e conseguiria a chave do escritório dos diretores. *(Pausa. Sai. Volta com uma saia feita de feixes e a enfia cerimoniosamente enquanto continua falando.)* Quem lhe disse? Quando entrei, eles estavam nus sobre o leito. Ele disse “Venha ver como violo essa mulher”. *(Tempo.)* Ela resistia com todas as forças e me pareceu que chorava. Suplicava: “Não, não.” Depois parou de debater-se e respirou regularmente, beijando-lhe o ombro; via-se apenas o branco de seus olhos. Quando tudo terminou, ela recomeçou a chorar e ele a rir às gargalhadas. *(Tempo.)* A mesma cena repetiu-se várias vezes. Finalmente ele se levantou rindo e disse: “Aí está a sua mulher”. Então aproximei-me dela que chorava, acariciei-lhe as costas e de repente ela começou a gritar. *(Senta-se no chão. Chora.)* Mas nós nos amávamos, ela era muito boa para mim, quando eu apanhava o menor resfriado, ela imediatamente me aplicava cata-

plasmas. *(Tempo.)* Meus chefes também gostavam muito de mim e certo dia disseram que iam me nomear. . . *(Tempo. Ele chora.)* Minha mãe? . . . *(Pausa.)* Nós pasávamos às vezes as tardes inteiras discutindo. *(Pausa.)* Ela não gostava mais de mim como quando eu era pequeno; ela me odiava mortalmente. Não, minha mulher, essa me amava para valer. *(Pausa.)* Amigos. . . Sim, eu tive, mas é claro, eles tinham inveja. Morriam de ciúmes de mim! *(Tenta subir numa árvore, sem sucesso. Pula para ver ao longe. Grita.)* Arquiteto! Arquiteto! Volte. Não me deixe sozinho. Não me deixe sozinho. Sinto-me muito só. Arquiteto! Arqui. . . Eu devia chamá-lo de Arqui. . . É mais chique. . . *(Domina-se.)* Claro, no fim eu não via mais meus amigos. . . Trabalhava muito e não sobrava tempo para eles. Quando se trabalha oito horas por dia e ainda por cima se toma trem, ônibus e. . . não tinha tempo para mais nada e tinha me tornado indispensável, era o que afirmavam os meus chefes. *(Pausa.)* Quando eu era criança, era diferente. Que sonhos eu tinha! Uma vez tive uma noiva e comecei a voar, mas ela não acreditou, mas eu sabia que um dia seria imperador, como você. . . Imperador da Assíria: era isso que eu pensava ser: imperador como você. Quem diria que eu iria encontrá-lo. Sonhava que ia ser o primeiro em tudo. Que ia escrever e ser um grande poeta, mas, pode ter certeza de que, se tivesse tido tempo, se não tivesse que trabalhar o dia inteiro, teria sido um grande poeta. E teria escrito cem livros tão bons quanto *Os Caracteres* de La Bruyère e acertava as contas com todos os meus inimigos, que tinham inveja de mim. Ninguém sairia ileso. *(Risinho um pouco tolo.)* Imperador, que quer? Sou seu subordinado! Ordene. *(Pausa.)* Você se entedia, eu me mato, mas terei que alegrá-lo. *(Sai e volta com um pinico. Levanta as saias e senta. Faz*

força.) Impossível. Estou com prisão de ventre. *(Longo momento de silêncio. O Imperador continua sentado no pinico. Passa um longo tempo. Levanta-se e leva embora o pinico. Volta sem ele. Começa a chorar.)* Poderia ter sido relojoeiro. Teria sido livre e teria ganho muito dinheiro, sozinho, em casa, consertando os relógios, sem patrão, sem superiores, sem ninguém para debochar de mim. *(Choraminga.)* Quando era pequeno, era diferente *(Anima-se.)* Sabe? Faltou pouco para eu ter uma amante. Como teria sido chique: eu com uma amante. Ela, muito loura, muito bela. . . Fomos muito felizes. . . Encontramo-nos num parque e conversamos durante muito, muito tempo. E marcamos encontro para o dia seguinte. Passei a noite desenhando para ela um coração trespassado por uma flecha. Um grande coração como aqueles das igrejas. E, para o vermelho, usei meu próprio sangue. Picava o dedo muitas vezes. Como doía. *(Chora. Olha ao longe e grita desesperado.)* Arquiteto! *(Acalma-se.)* Está bem. Voltemos à vaca fria. Continuando. Onde é que eu estava? *(Pausa.)* Pensava nela noite e dia; ela era muito loura, muito bela, quando olhava para o corpo dela me nasciam escamas e eu sentia que era um enorme peixe que escorregava entre as suas pernas. Consegui desenhar o coração. . . Talvez ele fosse um pouco redondo. Fiz uma flecha e escrevi meu nome. Enquanto desenhava, pensava que estava voando pelos ares com ela e nos perdíamos no céu e seu corpo era apenas mãos e lábios. . . enfim, era lindo: o coração, as flechas, as gotas de sangue que pingavam. Era um símbolo. O chato é que depois o sangue ficou preto. . . Ela era tão bonita, tão loura, nós conversamos ao menos meia hora no parque. . . banalidades, sobre o tempo, ela me perguntando onde ficava tal e tal rua. . . mas sabia que atrás dessas palavras nós falávamos do nosso amor. . . Sem dúvida alguma ela me

amava e quando dizia “faz menos frio que o ano passado”, eu sabia que ela queria dizer “nós partiremos juntos e comeremos juntos ouriços enquanto cobrirei suas mãos e seu púbis de aparelhos fotográficos”; e quando eu respondia “e no ano passado nessa época não se podia passear no parque”, era como se dissesse “você se assemelha a todas as gaivotas do mundo na hora da sesta, você dorme sobre mim como um passarinho numa garrafa, sinto seu coração bater e o ritmo de sua respiração sobre os poros da minha pele e do meu coração jorra um jato de água cristalina para banhar seus pés brancos . . .” e pensava ainda muitas outras coisas e passei toda a noite desenhando para ela; como ignorava seu nome, decidi chamá-la de Lis. Na manhã seguinte fui correndo para o encontro; como estava emocionado! Trabalhei na escrivania, meus chefes me acharam esquisito. Que dia, vivia pensando nela! Perguntei a mim mesmo se falaria com minha mulher. Mas não lhe disse nada. Quando cheguei ao parque. . . (*Está quase chorando.*) É, ela deve ter se enganado, não compreendeu direito. Durante uma semana fui ao parque, ao menos cinco horas cada tarde. . . Ela deve ter sido atropelada por um carro. Não pode ser de outro jeito. . . (*Mudando de tom*) Vou dançar para você. (*Executa uma dança grotesca.*)

IMPERADOR

Devo ter dançado como um deus. Que acha? Está se entediando comigo? (*Recita.*)

“Quando voltarei a ver, a fumaça querida
Da casa de minha infância e em que estação
Voltarei para ver o muro de minha casa
Que é para mim a província e muito mais?”

Não deveria ter caído aqui. Quando Sua Majestade vai receber as audiências? (*Tira a saia e fica em tangas.*) Quer que me vista? (*Sai e volta com uma calcinha de mulher, de renda preta.*) Que cheiro bom tem isso! (*Cheira. Veste a calcinha.*) E além do mais, Deus e suas criaturas. Nós! (*Vê o efeito que faz a calcinha.*) Nada mal, hein? Imperador. . . sabe que apostei a existência de Deus no bilhar elétrico? Se em três partidas eu ganhasse uma, Deus existia. Não tive medo da dificuldade. Além do mais, manejo os *flippers* com uma tal facilidade. . . e era uma máquina que eu conhecia. Acendi o jogo num fechar de olhos. Jogo a primeira partida: 670 pontos e precisava de mil. (*Sai e volta com um espartilho.*) Começo a segunda partida. Primeira bola, erro terrível, ela escorrega mal. Dezesesseis pontos. Um recorde. (*Veste o espartilho e o ajusta ao corpo.*) Lanço a segunda. Senti uma inspiração, digamos divina. Os clientes do bar estavam abobados. Eu fazia a máquina vibrar como um negro dançando com uma branca. A máquina respondia a tudo: 300, 400, 500, 600, 700 pontos. Tudo dava certo, o bônus, o retrovalor, os pontos, a bola suplementar. Por fim obtive. . . (*Ele se examina. Ajusta mais o espartilho.*) Não fico mal, hein? O que acha do meu espartilho? Ah, se o Arquiteto estivesse aqui, nós ainda construiríamos Babilônia e seus jardins suspensos. 973 pontos, 973! quer dizer que se eu tiro 16 pontos da primeira: 957 pontos, o que tinha feito com uma só bola. Quando obtivesse 1000, aí estaria tudo. Deus existia. Impacientava-me, Deus estava nas minhas mãos. Tinha a prova irrefutável de sua existência. Adeus ao grande relojoeiro, o Arquiteto supremo, o grande organizador: Deus existiria e ia demonstrá-lo da maneira mais peremptória, meu nome apareceria em todos os manuais de teologia, fim dos concílios, das elocubrações dos

bispos e dos doutores, ia descobrir tudo sozinho. Falariam de mim em todos os jornais. *(Sai e volta trazendo um par de meias pretas.)* Prefiro as pretas, e você? *(Veste as meias com vaidade e prende no porta-liga do espartilho.)* Arquiteto! Arquiteto! Volte! Eu falo com você. Não me tranco mais na cabana. *(Choramíngua.)* Pássaros, obedeçam-me, vão chamá-lo, digam-lhe que espero por ele. *(Colérico)* Vocês ouviram? *(Mudando de tom)* Como é que ele dizia? Clu-cli-cli-clu-cli. Não, não era isso. Pensar que ele falava com os passarinhos. Que homem! E move as montanhas. Montanha, para frente! *(Olha para ver se acontece alguma coisa. Com inquietação)* Nada, nem um sopro. Montanha, ordeno que caia no mar. *(Observa. Silêncio.)* Que cara! Ele faz o dia virar noite. *(Sai. Volta com um sutiã de rendas. Coloca-o. Põe pêssegos nos bojos do sutiã.)* Se minha mãe me visse. Onde é que eu estava? 973 pontos! Por assim dizer, Deus estava nas minhas mãos e só faltavam 27 pontos para ganhar. Nunca, nem mesmo nos meus piores dias, faço menos que isso. Lanço a bola artisticamente e ela cai justamente no triângulo dos bônus. Um ponto cada vez que o tocamos e com meu estilo. . . Começo a empurrar a bola que vai e vem à minha vontade. Compreende, Imperador! Compreende, Majestade? *(De repente, grita)* Arquiteto! Volte, vou ter um filho, não me deixe só, sozinho. *(Começa a rezar.)* “Nesse vale de lágrimas.” *(Não se ouve o resto.)* Imperador, minha mãe me detestava, eu juro, acredite, foi culpa dela, culpa dela! *(Sai.)*

VOZ DO IMPERADOR

Não encontro. . . Onde foi que esse moleque enfiou isso? E, no entanto, não é por falta de eu lhe dizer: “Ponha tudo em ordem: cada coisa no seu lugar”. Como saber onde ele deixa as coisas? Um pente! Ora! Um preserva-

tivo nessa ilha? Será que o anticoncepcional chegou até aqui? Vou colocá-lo! E ainda por cima serve certinho em mim. *(Grita.)* Arquiteto! Onde você botou o meu vestido? Deve estar remando como um condenado ou como um degenerado dos Jogos Olímpicos! Ah! a juventude! Que animal! Olha onde o guardou! Um vestido tão bonito na gaveta das pranchas de borboletas. *(Pensa.)* Que queria dizer com isso? Imperador, venho em seguida. *(Aparece com um vestido no braço.)*

IMPERADOR

Todos os clientes do café estavam em volta de mim e eu mexia na máquina como um diabo. Ela me obedecia, submissa: 988, 989, 990, 991, 992, 993. . . E era preciso completar só 1 000 pontos. . . E a bola ainda estava em cima. Não podia mais perder: caindo ela daria automaticamente dez pontos. Estava louco de alegria. Deus tinha se servido do mais humilde dos mortais para provar sua existência. *(Ajusta vaidosamente as meias, o porta-ligas, a cinta e o sutiã. Coloca sapatos de salto alto. Anda um pouco.)* Como é que elas conseguem andar com isso? *(Anda com dificuldade.)* Deve ser uma questão de hábito. *Cum amicis deambulare.* Que latinista poderia ter sido! Tenho certeza de que se começar a andar com esses saltos consigo, em pouco tempo, até mesmo concorrer na Maratona. Emocionante a minha chegada em Atenas. . . Era em Atenas? de salto alto e porta-liga. “Atenienses, conseguimos trazer conosco a maior vitória dos tempos modernos”, depois venderia minhas memórias para uma revista qualquer. Arquiteto! *(Grita.)* Escute, vou ser mãe, vou dar à luz uma criança. Venha para perto de mim. *(Muda de tom.)* Que nojento, com seu barquinho na. . . O que é que ele sabe da vida? *(Desabotoa a roupa para vesti-la.)* É um hábito de freira. *(Veste-se.)* Escute-me

bem, pois não poderá acreditar! Marcava cada vez mais pontos com a bola e mais e mais: 995, 996, 997, 998, 999 e nesse instante um cafageste esbarra no bilhar e pá! A máquina fica travada, a partida tinha terminado e como uma idiota ela indicava 999, 999. (*Olha-se com a roupa de freira.*) Que carmelita eu teria sido! Mas descalça não, nem pensar. (*Grita.*) 999. Compreende, Imperador? No que devo acreditar? Devo considerar válidos os dez pontos ganhos automaticamente? A terceira partida, é melhor não falar nisso. Chocante! 999 pontos. (*Anda, examinando-se.*) E se eu fizesse milagres? As carmelitas fazem milagres. (*Grita.*) “E parece miraculoso alimentar uma multidão como Cristo fez, com duas miseras sardinhas e um cotoco de pão? O capitalismo cristão fez muito melhor depois.” Que homem, o que escreveu nessas linhas! É dos meus! Imperador, está me ouvindo? Você está muito silencioso. Diga alguma coisa. Parece que falo com uma parede. Está zangado comigo? Não lhe agrado como carmelita? (*Joga-se aos pés do Imperador-espantalho. Segura uma das pernas e a acaricia.*) Imperador, estou apaixonado por você. Você é o mais bonito, o mais sedutor dos homens. Por uma palavra dos seus lábios. . . (*Levanta-se, vai e vem.*) Vou partir sozinha. (*Grita.*) Arquiteto, está chegando, está chegando. (*Seu ventre incha anormalmente.*) Elas têm invenções maravilhosas, as irmãs de caridade: com uma roupa como essa, quase não se percebe que elas estão grávidas. Padre, eu me acuso de ter. . . isto é. . . de ter me deixado conduzir a más ações.

IMPERADOR (*confessor*)

Como, infeliz! Como ousou cometer um tão grande sacrilégio. Maldita cadela! Miscrável!

IMPERADOR (*carmelita*)

Padre, o diabo me tentou horrivelmente.

IMPERADOR (*confessor*)

Com quem você fez isso, mulher dissoluta?

IMPERADOR (*carmelita*)

Com esse pobre velho que mora sozinho no quinto andar.

IMPERADOR (*confessor*)

Perversa, você enfiou alguns espinhos a mais na carne do Cristo, com esse farrapo humano. Quantas vezes você fez, cadela profanadora?

IMPERADOR (*carmelita*)

Quantas, quantas vezes? Quantas vezes o senhor quer que eu tenha feito?

IMPERADOR (*confessor*)

É o que estou perguntando, pecadora.

IMPERADOR (*carmelita*)

Uma vez só. Ele é muito velho, coitado.

IMPERADOR (*confessor*)

Nenhuma penitência poderá resgatar seu erro. Infiel! Pagã!

IMPERADOR (*carmelita*)

Que poderia fazer, padre, para receber a absolvição?

IMPERADOR (*confessor*)

Sacrílega! Essa noite você irá para o meu quarto com os silícios e os chicotes. Vou tirar sua roupa e passar a noite açoitando-a. Seus crimes são tão abomináveis que eu também tenho de pedir a Deus que a perdoe, e, para conseguir isso, também vou me despir e você vai me açoitiar, cadela maldita. (*Mudando de tom*) Arquiteto, venha depressa, preciso de você. (*Grita.*) Sinto as últimas dores. Onde é que está a padiola? (*Deita-se nela.*)

IMPERADOR (*parturiente*)

Diga-me uma coisa, doutor, vou sofrer muito? (*Silêncio.*)

IMPERADOR (*doutor*)

Respire como cachorrinho.

(*Ele respira.*)

IMPERADOR (*doutor, zangado*)

Você não aprendeu a fazer parto sem dor? Respire. Assim: Ah! Ah!

(*Ele respira mal.*)

IMPERADOR (*parturiente*)

Doutor, não consegui aprender. Ajude-me. Estou sozinha. . . abandonada por todos.

IMPERADOR (*doutor*)

Você só sabe trepar! É a única coisa que vocês sabem fazer sem aprender. Ah! Ah! (*Respira como cachorrinho, mas bem.*) Viu como é fácil? (*Ele respira mal.*) Infeliz! Pensar que você ficava de quatro como um animal com seu homem, e agora não sabe latir. Que humani-

dade! Cristo deveria ter nascido cachorro, teria sido crucificado num poste e a humanidade inteira canificada viria mijar no poste. Respire, cadela. Ah! Ah!

IMPERADOR (*parturiente*)

Doutor, me ajude. Dê-me a mão.

IMPERADOR (*doutor*)

Noli me tangere.

IMPERADOR (*parturiente*)

Sinto as últimas contrações! Já vem. Estou sentindo. . .

IMPERADOR (*doutor*)

Ah, aqui está a cabeça, boa cabeça. . . aparecem os ombros. . . Bons ombros.

(*Voz ofegante, ele — parturiente — geme, urra, baba.*)

Aqui está o peito, belo peito. Um último esforço. Mais um esforço.

IMPERADOR (*parturiente*)

Não agüento mais, doutor. Me anestésie. Dê-me uma droga.

IMPERADOR (*doutor*)

Você pensa que é Thomas De Quincey? Dar-lhe uma droga! Quem você pensa que é? Mais um esforço ainda! (*Urro dilacerante.*) Aqui está. Inteirinho. Belo espécime terreno.

(*Voz do parturiente que geme, chora e se acalma.*)

Um novo elemento da nossa raça. Aqui está. Não podemos reprová-lo por não ter colaborado na defesa dos valores de nossa civilização. Um a mais.

IMPERADOR (*mãe*)
Homem ou mulher?

IMPERADOR (*doutor*)
Que é que você queria que fosse? Uma menina. Agora só há mulheres. Um mundo inteiro de lésbicas. Acabaram-se as guerras, as religiões, os alcoviteiros, os desastres de automóvel. Uma humanidade feliz. O melhor dos mundos. Só gastaremos dinheiro com “consoladores”.

IMPERADOR (*mãe*)
Doutor, deixe-me ver a menina.

IMPERADOR (*doutor*)
Está aqui, olhe.

IMPERADOR (*mãe*)
Como é bonita! Que amor! Que gracinha! É a cara do pai cuspida e escarrada. Como vou ser feliz! Vou coser as roupinhas dela. (*Senta-se na padiola. Nina a criança e canta.*) Seu rosto todo cuspidado, tão lindo, tão adorável.

IMPERADOR (*doutor*)
Que rosto?

IMPERADOR (*mãe*)
O do relógio da catedral. Se o relógio risse, riria como ela. Vou dar-lhe o nome de Geneviève de Brabant.

IMPERADOR (*doutor*)
Que profissão vai lhe ensinar?

IMPERADOR (*mãe*)
Fisioterapeuta, é o que há de mais chique. Suas mãos vão massagear as costas, as coxas, os ventres de todos os homens do mundo. Ela vai ser a reencarnação de Maria Madalena. (*Curta pausa. Em outro tom, dirigindo-se ao Imperador-espantalho*) Imperador, Imperador... (*Em outro tom, num grito doloroso*) Arquiteto! Arquiteto! Arquiiiiii! (*Ao Imperador*) Veja só como ele é! Ele me detesta, me abandona à minha triste sina! Foi embora em busca de aventura nessas ilhas e só Deus sabe o que encontrará. (*Põe-se de quatro.*) Imperador, sou um camelo sagrado do deserto, suba nas minhas costas que eu vou lhe mostrar os mais fascinantes mercados de escravos machos e fêmeas de todo o Oriente. Suba nas minhas costas, Imperador. Bata-me com o seu chicote imperial, para que meu passo seja duro e eficaz e para que a sua divina pessoa possa, dentro em breve, purificar-se ao contato de corpos educados, jovens e vigorosos. (*Endireita-se.*) Que selvagem! Numa canoa! No século de progresso, de civilização, de discos voadores, viajar de canoa! Se Ícaro, Leonardo da Vinci ou Einstein levantassem do túmulo! Para que nós inventamos os helicópteros? (*Pausa.*) 999 pontos. Sem aquele bêbado eu marcaria automaticamente dez pontos a mais. A partida, Deus. Os anjos. O céu e o inferno. Os bons e os maus. O santo prepúcio e seus milagres. As hóstias que sobem ao céu em cálices suspensos por correntes de ouro. O concílio medindo o comprimento das asas dos anjos. As estátuas da Virgem que choram lágrimas de sangue. As piscinas e as fontes milagrosas, o asno, a vaca, a mangedoura. (*Um tempo. Citando*) “Tudo o que há de atroz,

e nauseabundo, de fétido, de vulgar, se resume numa palavra: Deus." *(Ri.)* Esse é dos meus. Que cara! *(Pausa.)* Cria, Imperador, com todo o respeito que devo a sua pessoa, com toda a veneração que tenho por você, não compreendo como um homem como o Arquiteto, entre parênteses, o Supremo Arquiteto da Assíria, possa viajar numa canoa. Ele nem ao menos levou um agente de segurança. O mundo é uma boa porcaria. *(Grita.)* Escarave-
lhos, vão buscar um cetro de ouro para o Imperador! *(Espera. Nada acontece. Procura inquieto.)* Eu os acostu-
mei muito mal. Só fazem o que lhes dá na telha. A educa-
ção moderna. O progresso. A sociedade protetora dos
animais! Tudo anda de pernas para o ar. Um dia os dis-
cos voadores descerão na terra. *(Mima a chegada.)* Se-
nhor Marciano... *(À parte)* Supondo que sejam mar-
cianos... Sejam bem-vindos à terra.

IMPERADOR *(marciano)*
Glu-tri-tro-piiiii.

IMPERADOR *(ao Imperador-espantado)*
Os marcianos falam assim. *(Ao marciano)* O que é que
você está dizendo?

IMPERADOR *(marciano)*
Tru-tri-loo-piiiii.

IMPERADOR *(ao Imperador-espantado)*
Ele fala dos sistemas de educação. *(Ao marciano)*
Sim, eu compreendo. Você tem razão. Com nossos siste-
mas caminhamos para o abismo.

IMPERADOR *(marciano)*
Flu-flu-flu-flu-flu-jiiiiii.

IMPERADOR

Você quer me levar para o seu planeta? *(Aterrado)* Não,
muito obrigado, prefiro ficar aqui.

IMPERADOR *(marciano)*

Tri-clu-tri-clu-tri...

IMPERADOR

Eu sou o terráqueo mais engraçado que você conheceu?
(Enrubescendo) Eu? Pobre de mim! Mas eu sou como
todo o mundo.

IMPERADOR *(marciano)*

Plu-plu-plu-griiii.

IMPERADOR

Você não vai me botar no jardim zoológico?

IMPERADOR *(marciano)*

Pli-pli...

IMPERADOR

Ah! Felizmente.

IMPERADOR *(marciano)*

Jlu-jli-gni-gni-poooo.

IMPERADOR

A filha do rei dos marcianos está apaixonada por mim?
Ela me ama?

IMPERADOR *(marciano)*

Ki-klo-looooo.

IMPERADOR

Ah! Desculpe, eu compreendi mal. Você é muito bonito. Enfim . . . mais ou menos . . .

IMPERADOR (*marciano*)

Gri-gri-treeeec.

IMPERADOR

Que engraçado! Você acha que somos esquisitos e feios. Espero que você não esteja dizendo isso de mim . . . mas dos outros. As pessoas nunca tomam banho hoje em dia. Não adianta insistir. Não quero ir para o seu jardim zoológico, nem para a sua cidade. (*Aumentando a voz até a cólera*) Quero ficar na terra, ainda que você tenha me dito que, no que diz respeito às coisas do espírito, nós apenas conseguimos suportar a dor, mesmo que seja maravilhoso em Marte, tenho certeza, apesar de nunca ter posto os pés lá, que não vale nada em relação à terra. (*Ao Imperador-espantalho, mudando de tom*) Imagine que todos os dias, pela manhã, ele faz a loucura de se lavar nessa fonte gelada. Eu lhe digo: Arquiteto, você vai apanhar uma pneumonia, mas ele acha graça e fica debaixo do jato d'água, se banhando. Ele se fricciona com essa água, e o mais incrível é que ele quer que eu o imite. Depois dos quarenta . . . ele não sabe mais contar . . . Não compreende nada. Depois dos quarenta . . . na verdade ele nunca me disse a idade que tem. Como é que ele pode saber quantos anos tem? Deve ter 25, 35. É tão poético! Poderia ser meu filho? Talvez. Meu filho. Eu deveria ter tido um filho. Teria lhe ensinado a jogar xadrez com 3 ou 4 anos e a tocar piano. Teríamos passeado pelos parques, uma criança atrai a atenção das ga-

rotas. Que flertes teria tido! Arquiteto! Volte! Pare de remar, faz mal aos pulmões. Você vai ter uma crise de asma. (*Ao Imperador-espantalho*) Falar de asma com ele, um cara que se banha todos os dias na fonte mais fria da ilha; sempre a mesma. No verão, com bastante roupa, perto da estufa, quando o sol está muito quente, ao meio-dia, não digo que não se possa tomar uma ducha . . . mas claro, com muitas precauções. Ele não, joga-se como um louco. Tão jovem e já com manias. E depois essa história de cortar os cabelos uma vez por ano, no começo da primavera. Como é que ele consegue calcular o tempo sem minha ajuda? (*Pára no meio da cena e grita*) Arquiteto, volte! Seremos amigos. Construiremos juntos uma casa. Ergueremos palácios com labirintos, escavaremos piscinas onde virão se banhar as tartarugas do mar, dar-lhe-ei um automóvel para que possa percorrer todos os meus pensamentos. (*Muito triste*) E cachimbos de onde vai jorrar a fumaça líquida, onde as espirais se transformarão em despertadores, enxugarei os pântanos para que surja do seu lodo uma névoa de flamingos vermelhos com coroas de papel prateado, temperarei as iguarias mais deliciosas e você beberá licores destilados com a essência dos meus sonhos . . . Arquiteto! (*Grita*) Arquiteto! (*Quase chorando*) Seremos felizes. (*Baixa a cabeça e fica assim algum tempo. Recompõe-se. Diz com ênfase*) Eu o vejo, Imperador. Vejo seu despertar. A televisão da Assíria que transmite em *close* as primeiras batidas dos seus cílios sobre os olhos fechados . . . em todos os povoados e nas aldeias, as mulheres deviam chorar ao contemplá-lo. (*Muda de tom*) Não, ele não tem mais de 35 anos, tem 35 no máximo. Ele é tão criança, tão poeta, de uma tão grande espiritualidade, que idéia nomeá-lo Arquiteto! (*Tem uma idéia luminosa*) Imperador, podemos saber a idade dele. Podemos calcular . . . (*Dirige-se*

para a cabana.) Aqui está o saco. *(O espectador não vê o que ele faz. Sai.)* Vou explicar. Vai ver como é simples. Ele corta os cabelos uma vez por ano e, por causa de uma superstição, ele os enrola numa folha e coloca no saco. Para saber a idade dele basta contar o número de folhas. Você compreende, Imperador, como são brilhantes as minhas idéias! Minha mãe já dizia: como meu filho é inteligente! *(Entra na cabana.)*

VOZ DO IMPERADOR

Um, dois, três . . . Mas tem muitas folhas . . . *(Inquieto)* quatro, cinco, seis, sete . . . *(Pausa. Longo silêncio. Ele sai apavorado.)* É impossível, há centenas de folhas. Será que, por acaso, essa fonte . . . Centenas de folhas, pelo menos mil . . . Banhando-se todos os dias . . . Mil talvez. *(Entra na cabana. Longa espera. Sai.)* E todas as folhas com cabelos, os cabelos dele, alguns já meio podres . . . A fonte da juventude . . . *(Aterrado)* Mas como . . . Ele nunca me disse. Reconheço os cabelos dele, sempre da mesma cor, do mesmo tom . . . Como é que pode . . .

(Espantado, sai correndo. Silêncio. Entra o Arquiteto.)

ARQUITETO *(grita)*
Imperador!

(O Imperador aparece logo, medrosamente. Cada um deles se encontra numa extremidade do palco.)

IMPERADOR

Diga-me uma coisa, quantos anos você tem?

ARQUITETO

Não sei. Mil e quinhentos — dois mil. Não sei ao certo.

CAI O PANO LENTAMENTE

ATO II

QUADRO I

Mesmo cenário. O Arquiteto entra em cena com precaução, sem fazer barulho. Dirige-se para a cabana.

ARQUITETO (*docemente*)
Está dormindo, Imperador?

(Ele sai da cabana e de cena pelo lado do jardim. Pausa. Do lado do jardim aparece uma grande mesa. O Arquiteto a empurra até o centro do palco, tira uma toalha e cobre a mesa. Prepara uma enorme travessa, uma faca e um garfo gigantescos. Põe-se à mesa. Finge esquartejar um ser gigantesco que está deitado à mesa. Finge comer um pedaço, por fim guarda tudo na gaveta, vira a toalha pelo avesso: é o tapete da mesa de um juiz. Da gaveta de uma mesa, tira máscaras, uma sineta e um livro muito grande, com bordas douradas. Penteia-se e coloca uma máscara de juiz. Agita a sineta.)

VOZ DO IMPERADOR
O que há, Arquiteto? (*Sai da cabana.*)

ARQUITETO

Acusado, aproxime-se e diga: juro dizer a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade.

IMPERADOR *(levantando a mão direita)*

Juro. *(Em outro tom)* É para isso que você me acorda a essa hora?

ARQUITETO *(levantando a máscara um instante)*

Não tolero nem um aparte, entendeu? *(Coloca novamente a máscara.)* O acusado pode se sentar se quiser, e procure ser preciso em suas declarações, estamos aqui para ajudar a justiça e para que tudo fique claro em relação à sua vida e ao crime de que é acusado.

IMPERADOR

Que crime?

ARQUITETO

O réu é casado?

IMPERADOR

Sou, senhor juiz.

ARQUITETO

Há quanto tempo?

IMPERADOR

Não sei... Há uns dez anos...

ARQUITETO

Lembre-se de que todas as suas declarações podem ser usadas contra você.

IMPERADOR

Mas... me acusam... não sei... O senhor faz alusão... à minha mãe?

ARQUITETO

É o tribunal que interroga.

IMPERADOR

Mas minha mãe desapareceu.

ARQUITETO

Ainda não chegamos lá.

IMPERADOR

Sou culpado, se ela foi embora, só Deus sabe para onde?

ARQUITETO

Levaremos em conta todas as circunstâncias atenuantes que possa apresentar para sua defesa.

IMPERADOR

Isso é o cúmulo. *(Em outro tom.)* Arquiteto, pare com essa brincadeira, você fala comigo de um jeito que me faz sofrer. *(Com grande ternura)* Sei falar com os pés como você me ensinou. *(Deita-se no chão com os pés para cima e começa a agitá-los.)*

ARQUITETO *(tira a máscara e a toga)*

Já recomeçou com sacanagem? *(Imperador mexe com os pés novamente.)* É sempre a mesma coisa.

IMPERADOR

Entendeu?

ARQUITETO

Tudo. Você é que não entende nada.

IMPERADOR

Entendo tudo.

(O Arquiteto se deita no chão atrás da mesa. Só se vêem seus pés descalços que se mexem.)

ARQUITETO

Aposto que você não é capaz de entender o que eu estou dizendo.

(O Imperador ri.)

IMPERADOR

Devagar. Olhe como eu sei ler tudo: "Aqui o poder falta à minha imaginação que quer guardar a lembrança de um espetáculo tão elevado." *(O Arquiteto continua mexendo os pés. O Imperador traduz)* "Assim como duas rodas obedecem a uma mesma ação, meu pensamento e meu desejo, dirigidos por uma mesma harmonia, são conduzidos para além pelo amor sagrado que põe em movimento o sol e as estrelas."

(O Arquiteto reaparece furioso. Coloca a toga e a máscara.)

ARQUITETO

O tribunal tomará conhecimento de tudo. A primeira testemunha a ser chamada é sua mulher.

IMPERADOR

Por favor, não a envolva nesta história. Ela não sabe de nada e nada poderá dizer.

ARQUITETO

Silêncio. Que entre a primeira testemunha. *(O Imperador se fantasia de esposa, coloca uma máscara.)* A senhora é a esposa do acusado?

IMPERADOR *(esposa)*

Sou, senhor juiz.

ARQUITETO

Vocês se amavam?

IMPERADOR *(esposa)*

Ah! O senhor sabe, estávamos casados há muito tempo.

ARQUITETO

A senhora o amava?

IMPERADOR *(esposa)*

Eu o via muito raramente. Ele saía de manhã, bem cedo, e voltava muito tarde. Ultimamente nem nos falávamos.

ARQUITETO

Foi sempre assim?

IMPERADOR *(esposa)*

Ah! Não. No começo ele parecia um louco. Dizia que sabia roubar. Falava sem parar. Sonhava que um dia ia ser imperador.

ARQUITETO

E depois?

IMPERADOR (*esposa*)

Depois? Ele nem mesmo me batia.

ARQUITETO

Mas algum dia ele bateu na senhora?

IMPERADOR (*esposa*)

Bateu. Para afirmar a sua virilidade. Para se vingar das humilhações que sofria. Depois nem tinha mais tempo, ele chegava tão cansado do escritório.

ARQUITETO

Quais eram os seus sentimentos em relação a ele?

IMPERADOR (*esposa*)

Claro que nunca o amei com loucura. Eu o suportava.

ARQUITETO

Ele sabia disso?

IMPERADOR (*esposa*)

Claro, apesar de não ter ele inventado a pólvora, acho que não tinha ilusões a meu respeito.

ARQUITETO

A senhora o traiu com outros homens?

IMPERADOR (*esposa*)

E o que é que o senhor queria que eu fizesse o dia inteiro sozinha? Esperar por ele?

ARQUITETO

Vocês têm filhos?

IMPERADOR (*esposa*)

Não.

ARQUITETO

Isso foi premeditado?

IMPERADOR (*esposa*)

Foi mais um esquecimento.

ARQUITETO

Qual era o seu maior desejo?

IMPERADOR (*esposa*)

Tocar cítara em trajes da época, enquanto um cavalheiro do tipo Maquiavel acariciasse ou beijasse minhas costas nuas, onde se via a grande curva da minha cintura. Gostaria também, apesar de não ser lésbica, de possuir um harém de mulheres para cuidarem de mim. Gostaria de ter galinhas sábias e borboletas que eu levaria com uma fita, enfim, mil coisas. Acho que teria gostado também da cirurgia. Vejo-me operando, toda de branco, dentro de uma sala inteiramente envidraçada. (*Curta pausa.*) De qualquer modo, ele só gostava mesmo da mãe.

ARQUITETO

“Ele” quem?

IMPERADOR (*esposa*)

Meu marido. Posso fazer uma revelação?

ARQUITETO

Fale, o tribunal está aqui para ouvi-la.

IMPERADOR (*esposa — depois de ter olhado para todos os lados, para ter certeza de que ninguém a ouve*)

Acho que ele só casou comigo para contrariar a mãe.

ARQUITETO

Ele odiava a mãe?

IMPERADOR (*esposa*)

Odiava mortalmente, e amava, como um louco, só vivia para ela. O senhor acha que é normal para um homem da idade dele ficar dia e noite agarrado nas saias da mãe? Ele não precisava de uma mulher, mas de uma mãe. Quando estava com raiva dela fazia qualquer coisa para lhe desagradar, até mesmo se casar. Fui a vítima desta vingança. (*O Imperador tira sua máscara de esposa.*)

IMPERADOR

Você perdeu a razão. Ficou louco.

ARQUITETO (*tira a máscara de presidente do tribunal*)

Mas o que é que está acontecendo com você?

IMPERADOR

Você está ficando louco como ele?

ARQUITETO

Você me faz ficar arrepiado.

IMPERADOR

Eu?

ARQUITETO

Quem?

IMPERADOR

O que, quem?

ARQUITETO

Quem ficou louco como eu?

IMPERADOR

Deus.

ARQUITETO

Ah!

IMPERADOR

Mas quando, antes ou depois?

ARQUITETO

Antes de quê?

IMPERADOR

Pergunto quando é que ele ficou louco, antes ou depois da criação?

ARQUITETO

Pobre coitado!

IMPERADOR

Você acha que Deus está no centro da terra?

ARQUITETO

Nunca fomos lá para ver.

IMPERADOR

Claro que está lá, precisamente no centro geométrico, de jeito que possa ver as calcinhas de todas as mulheres.

ARQUITETO

Nunca fomos lá para ver!

IMPERADOR

Então vamos. Ah! Já imaginou eu tranqüilamente no centro, cercado de terra por todos os lados, feliz como um verme, completamente louco e pensando ser um transistor.

ARQUITETO

Tiro a terra?

IMPERADOR

Tire. *(Arquiteto tira um pedaço de terra como se fosse uma gaveta. Os dois olham para dentro. Deitam-se no chão para ver melhor.)* Vou buscar o binóculo. *(Volta com o binóculo. Observam com curiosidade o que podem ver no centro da terra.)* Não se vê nada. É muito escuro. *(O Arquiteto concorda, balançando a cabeça, e se ajeita para fechar a terra. De repente, muito inquieto)* Diga-me uma coisa, tem certeza de que ninguém pode nos ver?

ARQUITETO

Claro que tenho.

IMPERADOR

Você acha que a cabana está bem camuflada?

ARQUITETO

Acho.

IMPERADOR

Não se esqueça dos satélites espões, os aviões com câmaras fotelétricas, o radar . . .

ARQUITETO

Não se preocupe, ninguém pode nos achar aqui.

IMPERADOR

E o fogo e a fumaça. Você apagou bem apagado para não sair fumaça?

ARQUITETO

Às vezes, levanta-se um pinguinho de fumaça.

IMPERADOR

Infeliz, vão nos descobrir, vão nos descobrir.

ARQUITETO

Não, claro que não.

IMPERADOR

Vamos ser descobertos por causa das suas negligências. Para que comer comida quente? Sibarita babilônico. Não ouviu falar de Sodoma e Gomorra? Merecia que Deus arrasasse nossa ilha como fez com essas cidades que se entregavam aos vícios. Comer comida quente, fazer fumaça. Você ignora as virtudes higiênicas da carne crua. Seu esquenta-comida, seu cozinheiro de nabos, seu papa-moscas. Que a minha cólera de Aquiles caia sobre você!

ARQUITETO

Está bem, concordo. *(De joelhos)* Você gosta de mim? *(Arquiteto se põe rapidamente à mesa. Recoloca a máscara de presidente do tribunal.)* Que entre a segunda testemunha: o irmão do acusado.

(O Imperador coloca a máscara de "irmão")

IMPERADOR (*irmão*)

Claro que sei, que devo jurar dizer a verdade. O senhor sabe, na minha profissão temos um grande respeito pela justiça, não é? Meu irmão, o poeta . . .

ARQUITETO

Há uma certa ironia nas suas palavras.

IMPERADOR (*irmão*)

Que ironia? Se ele fosse poeta, nós todos saberíamos: é um trabalho público, não é? Teríamos visto na televisão. Enfim, assim penso eu. O poeta. Sempre na lua. Vossa Alteza, desculpe, quer dizer, Vossa Excelência sabe como se divertia o poeta quando era criança?

ARQUITETO

Fale, estamos aqui para esclarecer tudo.

IMPERADOR (*irmão*)

Peço perdão às senhoras, mas devo revelar que meu irmão tinha um hábito estranho no internato, beber a urina dos seus colegas de classe.

ARQUITETO

Ainda que o fato possa ter uma certa gravidade, não acha que . . .

IMPERADOR (*irmão*)

Desculpe lhe cortar a palavra. Se isso não era grave, vejamos o que pensa do que ele tentou fazer comigo. Vou explicar.

(O Imperador arranca com raiva a máscara.)

IMPERADOR

Não, isso não. Não meta meu irmão nessa história. Eu proíbo. Meu irmão é um imbecil que não entende nada. Você não está aqui para fazê-lo falar, que ele vá embora. Isso é traição. Não brinco mais. Chega de julgamento. (*Senta-se no chão e treme de raiva.*)

ARQUITETO (*agitando a sineta*)

Chega de infantilidade, ao processo, ao processo. Não vou tolerar nenhuma interrupção.

(O Imperador pára de tremer e se apruma cheio de dignidade.)

IMPERADOR (*como Cícero, num tom solene*)

Quousque tandem abuteris, Catilina, patientia nostra? ou patientia mea . . . Até quando, Catilina, abusarás da minha paciência? Nossa pátria Roma . . . (Interrompe-se e tomando um tom familiar) Você é uma safado; permito tudo, menos interromper meu irmão. Meu irmão é um animal aquático da família do crocodilo, do tubarão e do hipopótamo. Eu o imagino nas regiões verdes, ainda não dominadas pelo homem, nadando no rastro de sua presa. E eu, como o anjo exterminador, contemplando suas evoluções. Observe o rosto dele e o meu. (Pára.) Arquitecto, faremos da Assíria um país para a frente, à nossa imagem e semelhança, os países subdesenvolvidos viverão ao abrigo da miséria.

ARQUITETO (*tirando a máscara*)

Imperador, eu penso que . . .

IMPERADOR

Cale a boca, miserável! Ouça a brisa dos séculos que proclama a nossa obra imortal. (*Silêncio.*) Do alto des- ses... (*Hesita.*) Você será arquiteto, o arquiteto su- premo, o grande organizador, um deus de bolso, para me expressar melhor. E, diante de você, conduzindo-o, o grande Imperador, modéstia à parte, eu mesmo, regendo o destino da Assíria e conduzindo a humanidade para gloriosos amanhã.

ARQUITETO

Sinto como se um enorme olho . . .

IMPERADOR

Eu também . . . um grande olho de mulher.

ARQUITETO

Ele nos vigia.

IMPERADOR

É.

ARQUITETO

Por quê ?

IMPERADOR

Olhe para ele. (*Eles olham o céu.*) Ele vela o nosso pre- sente. Olhe como os cílios dele são longos e curvos. (*Com muita violência*) Cruel Desdêmona, cruel como as hienas do deserto, vá embora para longe de nós. (*Eles olham desesperados. Ao Arquiteto*) O olho não se mexe.

(*De repente o Arquiteto pega a sineta e coloca a máscara. O Imperador faz o mesmo.*)

ARQUITETO

A testemunha ia nos contar o que seu irmão fazia com o senhor.

IMPERADOR (*irmão*)

Meu irmão, o po-e-ta, se divertia quando eu tinha dez anos e ele quinze, me pervertendo, me violando e me obrigando a violá-lo. (*Arrancando a máscara*) Eram brincadeiras de criança, sem importância nenhuma.

ARQUITETO

Silêncio. Que a testemunha continue o seu depoimento.

IMPERADOR (*irmão*)

Como eu dizia . . . Será que vou ter que fazer um dese- nho? Vou contar como era.

IMPERADOR (*furioso, sem máscara*)

Chega! Chega!

ARQUITETO

O tribunal pede silêncio. Que a testemunha prossiga.

IMPERADOR (*irmão*)

Ele esperava que mamãe saísse. Ficávamos sozinhos em casa, então ele enchia a banheira de azeite até a metade e começava a brincadeira. O mais engraçado vinha de- pois. Quando tudo tinha acabado, ele começava a tremer e a se jogar de encontro à banheira. Lembro-me de que, um dia, acabou dando um corte profundo na mão e mo- lhou seu sexo com o sangue, entoando um cântico e solu- çando. (*Tira a máscara, começa a chorar e cantarola.*)

Dies irae, dies illa
Quem morre vai embora
Dies irae, dies illa
Merda para Deus, etc.

ARQUITETO (*tira a máscara de presidente do tribunal e coloca a de mãe*)

Meu filhinho, que é que você está fazendo aí, chorando e blasfemando?

IMPERADOR

Dies irae, Dies illa . . .

ARQUITETO (*mãe*)

Meu filhinho, sou eu, sua mãe, não me reconhece? Você ainda é uma criança, como é que pensa na morte? O que aconteceu? Está todo ensangüentado. Se cortou aqui. É preciso chamar um médico.

IMPERADOR

Mamãe, quero que você me jogue num poço bem fundo, e me traga todos os dias um pouco de comida, só um pouquinho, para eu não morrer.

ARQUITETO (*mãe*)

Meu filho, que é que você está dizendo!

IMPERADOR

Aos domingos, você me empresta o seu rádio de pilha só para eu saber o resultado do jogo de futebol. Está bem?

ARQUITETO (*mãe*)

Meu filho, o que foi que fez para ficar tão triste?

IMPERADOR

Mamãe, perverti . . .

ARQUITETO (*mãe*)

Seu irmão?

IMPERADOR (*levantando-se violentamente*)

Senhor presidente, com o consentimento deste tribunal desejo fazer eu mesmo a minha defesa. Como disse um grande poeta: "Pouco sacana ou muito sacana, somos todos sacanas". Essa é a grande verdade. Gostaria de saber em nome do que me julgam?

ARQUITETO

Somos a justiça.

IMPERADOR

A justiça? Que justiça? O que é a justiça? A justiça é um certo número de homens como os senhores e eu, que, na maioria das vezes, escapam dessa justiça graças à hipocrisia ou à astúcia. Julgar alguém por tentativa de assassinato . . . Quem nunca desejou matar alguém? Em outras palavras, não quero agir como todo mundo. Esqueço todos os conselhos. Esqueço que me recomendaram chorar para causar boa impressão, de ter um ar arrependido. Para o diabo todos os conselhos! E para que continuar com todos esses truques do tribunal? Para que continue a representar a grande comédia da justiça. Se choro ou tenho um ar contrito, os senhores não acreditarão nem nas minhas lágrimas nem no meu arrependimento, mas compreenderão que assumo o meu papel nessa peça e levarão isso em conta na hora da sentença. Os senhores estão aí para me dar uma lição: mas sabem muito bem que a lição pode ser dada a qualquer um, a começar pelos senhores. Pouco me importam os seus tribunais, seus juizes de opereta, seus promotores marionetes, suas prisões vingativas.

(De repente o Arquiteto tira a toga e fala.)

ARQUITETO *(tapando os olhos com as mãos. Muito devagar, e ao mesmo tempo se arrumando para correr)*

1 - 2 - 3 quem chegar por último é a mulher do padre.
(Saem da cena correndo em disparada.)

VOZ DO IMPERADOR

Você está roubando. Já estava com o pé na frente.

(Ouvem-se ao longe risinhos e barulho de queda. De repente o Arquiteto entra em cena.)

ARQUITETO

Espero você aqui, comendo um ovo de dromedário com molho de faisão. Não tenha medo, não vou torear você. Eh! Touro, touro.

VOZ DO IMPERADOR

Mu, mu.

ARQUITETO

Um belo par de chifres nasce até mesmo em gente muito bacana.

(Entra o Imperador com a cabeça ornada por um par de chifres.)

IMPERADOR *(em tom choroso)*

E pensar que antigamente você era para mim como uma

avó, me amava, não fazia nada sem mim. Ensinei-lhe tudo. Agora não me respeita mais. Nem um pingo. Se meus ancestrais levantassem do túmulo! Um par de chifres! Um par de chifres que você colocou na minha testa, fazendo macumba só porque cheguei antes de você no pique. *(Muge e chora.)*

ARQUITETO

Oh! Touro de ouro, de bronze, touro herdeiro de Taurus!

IMPERADOR

Você é minha vaca sagrada?

ARQUITETO

Sou sua vaca e sua camela cor-de-rosa.

IMPERADOR

Então coce minhas pernas. *(Estende uma perna. O Arquiteto coça por um instante.)* Não, assim não, coce com mais força. Mais em cima. *(Ele coça com mais força.)*

ARQUITETO

Já estou cansado de coçar. Assim que começo, você dorme.

IMPERADOR

Durmo? É assim que você trata um Imperador da Assíria? Um Imperador da Assíria ainda por cima chifrudo, o que não quer dizer nada hoje em dia. Viva a monarquia!

ARQUITETO

Todas as noites a mesma coisa: "coce-me um pouquinho até eu dormir". Num instante começa a roncar como um fole, mas logo que paro de coçar, você abre um olho e diz: "coça mais, ainda não estou dormindo".

IMPERADOR

Tire-me esses chifres. Não esqueça que também tenho minha dignidade. Além do mais, isso pesa muito e não posso virar a cabeça.

ARQUITETO

Como é que você quer que desapareçam? Acha que basta eu dar uma palmada na mão?

IMPERADOR

Você é louco! Dar uma palmada em sua mão! Nunca! Sabe o que sonhei essa noite? Que me batiam e eu chorava. Então uma garota me disse no sonho: "Não chore". Aí, eu respondi: "Não vê que estou sofrendo?" Ela riu e disse: "Como é que pode sofrer se é só um sonho? Isso não é verdade". Eu não acreditei. Mas ela, para me convencer de que tinha razão, disse para eu bater em minhas mãos. Aí eu bati e vi as paredes da cabana. Acordei de repente de mãos juntas, sentado na cama.

ARQUITETO

É, eu vi, e o compreendi.

IMPERADOR

Imagine que agora você bate palmas e... que eu acorde desse sonho que penso ser a vida... para... Você se vê comigo noutra mundo... Melhor ser pequeno na

casa da gente, que grande na casa dos outros. *(De repente, com muita ostentação, toma posição para bater palmas. Hesita alguns instantes. Vai bater com as mãos lentamente. Pára. Virando a cabeça para o Arquiteto)* Quando é que vai fazer desaparecer esses malditos chifres, pelo amor de Deus!

ARQUITETO

Está bem, não precisa ficar assim. É muito simples. Esfregue a cabeça no tronco do coqueiro que eles caem. *(O Imperador sai correndo.)* Não, aí não. No outro.

(Pausa. Barulhos confusos. O Imperador volta sem chifres, ainda esfregando a testa com uma folha.)

IMPERADOR

Não fico mais moço sem chifres?

(O Arquiteto furioso se dirige para a mesa onde funcionava o tribunal, enfia a roupa, ajusta a máscara de presidente e fala.)

ARQUITETO

Depois de ter ouvido o irmão do acusado, o tribunal convoca a testemunha seguinte: senhor Sansão.

(O Imperador põe a máscara de senhor Sansão.)

IMPERADOR *(Sansão)*

Juro dizer toda a verdade.

ARQUITETO

Onde conheceu o acusado?

IMPERADOR (*Sansão*)

Jogando bilhar.

ARQUITETO

O senhor só o via nessas ocasiões?

IMPERADOR (*Sansão*)

Não, um dia ele me pediu para ajudá-lo. Quer dizer, ele me convidou para jantar e aceitei.

ARQUITETO

Para fazer o quê?

IMPERADOR (*Sansão*)

Para fazer o anjo.

ARQUITETO

Para fazer o anjo?

IMPERADOR (*Sansão*)

É, numa igreja.

ARQUITETO

Conte, por favor.

IMPERADOR (*Sansão*)

Quando a igreja ficava vazia, às onze horas da noite, nós íamos para o coro. Ele se despia e colava algumas penas nas costas, dez ou doze. Depois ele se amarrava com uma porção de cordas e eu o empurrava no ar. Ele se balançava de lá para cá, como um anjo ou um arcanjo

e, quando ele não agüentava mais, eu o içava. Perdia sempre a metade das penas e me pergunto o que devia pensar o pessoal da igreja, quando as encontrava no chão, na manhã seguinte.

ARQUITETO

O senhor conheceu a mãe dele?

IMPERADOR (*Sansão*)

Conheci. O acusado me disse que se eu fizesse sumir a mãe dele, me daria todos os tesouros do mundo.

ARQUITETO

O senhor recusou, é claro.

IMPERADOR (*Sansão*)

Como se eu fosse um criminoso! Brincar de anjo, está bem. Mas daí para matar . . . E depois, o senhor precisava ver os dois juntos; um dia, no cinema, eu vi por acaso. A gente podia jurar que era um casal de namorados.

ARQUITETO

Obrigado pelo seu depoimento. O tribunal deseja ouvir ainda uma vez a esposa do acusado.

(*O Imperador troca a máscara.*)

IMPERADOR (*esposa*)

Precisam ainda do meu testemunho?

ARQUITETO

O tribunal deseja saber a sua opinião sobre as relações que havia entre o acusado e sua mãe.

IMPERADOR (*esposa*)

Eu já disse: eles se amavam e se odiavam. Tudo dependia do momento.

ARQUITETO

Acha que havia entre eles alguma coisa equívoca, digamos, incestuosa?

IMPERADOR (*esposa*)

Quanto a isso sou categórica: acho que não.

ARQUITETO

A senhora ouviu o depoimento da testemunha anterior?

IMPERADOR (*esposa*)

Segundo os mexericos, meu marido tinha um temperamento feroso, impetuoso. Mas nunca teve com sua mãe relações incestuosas. Aqui está uma prova: pouco antes do desaparecimento dela, atravessavam uma época de ódio feroz, então a mãe dele me pediu que conseguisse uma entrevista com o filho, e meu marido aceitou sob as seguintes condições: primeiro, que a mãe lhe pagasse por cada minuto do encontro uma soma muito elevada; segundo, que ela o masturbasse com "sua boca maternal", para que assim cometesse o mais infame dos pecados, como ele dizia. Era muito inocente.

ARQUITETO

E o que prova tudo isso?

IMPERADOR (*esposa*)

Isso prova nitidamente que nunca houve nada de equívoco entre eles, senão ele não exigiria o que acabo de

lhes contar, como algo de excepcional. Agora mesmo, me lembro de um detalhe que pode interessar ao tribunal.

ARQUITETO

Fale, por favor.

IMPERADOR (*esposa*)

Ultimamente, quando a mãe ia visitá-lo, ele me pedia para tapar seus olhos com esparadrapo e algodão. Às vezes aceitava falar com ela, mas cada um num quarto.

(O Imperador arranca a máscara.)

IMPERADOR

Aposto que vai me condenar.

ARQUITETO

Olho por olho, dente por dente.

(O Imperador muito triste dá uma volta pelo palco e se senta no chão, dando as costas ao Arquiteto. Toma a cabeça entre as mãos. O Arquiteto o observa com um ar contrariado. Depois, vendo que o caso é sério, se dirige para ele. Examina-o minuciosamente e por fim tira a máscara.)

Acalme-se, não é tão grave assim. Quer assoar o nariz? *(O Imperador diz que sim com a cabeça. O Arquiteto, falando para os galhos mais altos de uma árvore invisível para o espectador.)* Árvore, dê-me uma de suas folhas. *(Com efeito, na mesma hora cai uma folha, uma folha bem grande. O Arquiteto a pega.)* Tome, assoe o nariz.

(O Imperador se assoa e joga longe, com raiva, o lençolha, depois se coloca de maneira a dar mais ainda as costas ao Arquiteto.) Deseja alguma coisa? *(O Imperador choraminga.)* Está bem, eu sei. É verdade. Você era o imperador, você ainda é o imperador da Assíria, quando se levantava pela manhã todos os trens e todas as sirenes mugiam para avisar ao povo que você acabava de acordar. *(Depois de ter dito isso, vai ver o que está acontecendo. O Imperador continua sem ouvir.)* Dez mil amazonas, de corpos esculturais, nuas, nos seus aposentos...

(De repente o Imperador se levanta, enche os pulmões como se fosse imitar um ator de melodramas. Total grandiloquência.)

IMPERADOR

Dez mil amazonas, que meu pai importava diretamente das Índias Orientais, vinham nuas de manhã para meus aposentos e me beijavam a ponta dos dedos enquanto entoavam em coro o hino imperial cujo refrão é o seguinte:

“Viva nosso Imperador imortal,
Deus o guarde como tal”.

Que ecos! Dez mil... *(À parte)* Como se meu quarto fosse um estádio. *(De novo, com ênfase.)* Minha vida teve sempre a marca de um destino único, no grande destino universal, foi um exemplo para as gerações futuras e para as que virão, numa palavra, para a posteridade. *(Pausa. Senta-se.)*

IMPERADOR

Os senhores têm razão, tentei matar minha mãe. Sansão

disse a verdade. *(Levantando-se bruscamente, com grande força e convicção)* E o que é que tem? Tentei matar minha mãe, e daí? Se pensam que vou ficar com complexo de culpa, estão enganados. Para mim, tanto faz. *(De repente fica inquieto. De joelhos se arrasta até o Arquiteto.)* Você vai continuar gostando de mim, apesar disso?

ARQUITETO

Você nunca me falou dessa tentativa de assassinato.

IMPERADOR *(levantando-se, muito digno)*

Tenho meus segredos.

ARQUITETO

Estou vendo.

IMPERADOR

Se quer saber a verdade, eu só gostava de uma coisa no mundo, do meu cachorro policial. Ele vinha me buscar todos os dias. Nós passeávamos juntos, como dois namorados. Eu não precisava de despertador: ele corria todas as manhãs para lambe minhas mãos, assim eu não precisava lavá-las.

(O Arquiteto se põe de quatro, passa uma trela em volta do pescoço.)

ARQUITETO

Sou o seu cachorro policial.

IMPERADOR

Uh! Médor! Vá buscar, vá buscar. *(O Arquiteto começa a arrancar a terra como um policial.)* Vejamos o que vai descobrir o meu bom e fiel cão.

(O Arquiteto continua escavando e latindo. Por fim tira da terra uma perdiz viva, que segura entre as mandíbulas e leva correndo, feliz. Logo volta. O Imperador o acaricia com ternura e lhe dá tapinhas no lombo.)

“Na escala das criaturas apenas o homem inspira um nojo constante, a repugnância que inspira o animal é apenas passageira.” *(O cachorro-arquiteto aprova feliz e late alegremente.)* Esse é dos meus. Fique para sempre ao meu lado, como um cachorro, e o amarei por toda a eternidade.

(Fica cego e coloca óculos de cego.)

IMPERADOR *(cego — tom solene)*

“Cante, ó minha musa, a cólera de Aquiles.” Acho que já disse isso antes. Uma esmolinha para um cego de nascença que não pode ganhar seu pão. Uma esmolinha. Obrigado, minha senhora, a senhora é muito boa, que Deus lhe dê uma longa vida e lhe conserve por muitos anos. Uma esmolinha pelo amor de Deus. . . sabe, agora que sou cego, é que vejo Deus com mais clareza. Ó Senhor, vejo-vos com os olhos da fé, agora que meus olhos estão cegos. Ó Senhor, como sou feliz! Sinto a mesma coisa que Santa Teresa de Ávila, vós me introduzís uma espada no cu.

ARQUITETO *(em linguagem canina)*

Nas minhas entranhas.

IMPERADOR

Isso mesmo, nas minhas entranhas, sinto que vós intro-

duzís nas minhas entranhas uma espada de fogo que me proporciona uma alegria e uma dor sublimes. Ó Senhor, sinto também, como a santa, que os diabos jogam bola com minha alma. Ó Senhor! Finalmente encontrei a fé. Quero que a humanidade inteira seja testemunha desse acontecimento. Quero que meu cachorro também tenha fé. Cachorro, diga-me uma coisa, você tem fé em Deus? *(Latido incompreensível do cão-policia-arquiteto.)* Seu sarraceno, não acredita em Deus? *(Vai bater no cachorro, mas esse foge. Como um cego ele tateia por todos os lados com sua bengala.)* Animal maldito. Venha para perto de mim. Sou a voz da revelação, da fé. *(Dá golpes com a bengala em todas as direções, procurando atingir o cachorro que debocha dele.)* Farei uma cruzada de crentes cegos para combater a golpes de baionetas todos os cães ateus do mundo. Animal maldito. Venha cá. Ajoelhe-se comigo, vou rezar. *(Distribui golpes com a bengala para todos os lados. O cachorro zomba dele.)* E você ainda por cima zomba de mim! Maldito coioote dos pampas. Pobre animal. Ele não compreenderá nunca as altíssimas virtudes do proselitismo.

(O Arquiteto tira a coleira e volta para o tribunal.)

ARQUITETO *(presidente)*

Que entre a testemunha seguinte. *(O Imperador, resmungando, tira os óculos de cego.)* Eu disse que introduzissem a testemunha seguinte. Madame. . . Olympia de Kant.

IMPERADOR *(Olympia de Kant)*

Posso ajudar em alguma coisa?

ARQUITETO

Conheceu a mãe do acusado?

IMPERADOR (*Olympia*)

Como poderia não conhecer? Era minha melhor amiga. Éramos amigas de infância: fomos expulsas do mesmo colégio.

ARQUITETO

Por que foram expulsas?

IMPERADOR (*Olympia*)

Coisas de garota. Brincávamos de médico, nuas, botávamos termômetro, mil coisas, derramávamos tinteiros cheios de tinta na cabeça. Nessa época tão quadrada, imagine o que pensaram! Claro que nos beijávamos, por que é que não íamos nos beijar? Éramos duas garotinhas que despertavam para a vida. O fato é que nos expulsaram do colégio.

ARQUITETO

Que idade vocês tinham?

IMPERADOR (*Olympia*)

Ela era um pouco mais velha que eu. Duas garotinhas. Eram brincadeiras, brincadeiras inocentes, mas acho que não estamos aqui para falar sobre esse assunto.

ARQUITETO

Assunto que não deixa de ser interessante. Que idade tinham na época da expulsão?

IMPERADOR (*Olympia*)

Quem? Eu? (*Muito séria.*) Apenas vinte anos.

ARQUITETO

Oh! (*Silêncio crispado.*) É claro que conhecia o acusado, não é?

IMPERADOR (*Olympia*)

Ele era o grande amor da mãe. Ela só vivia para ele. E sempre achei que ele também a amava com o mesmo ardor.

ARQUITETO

Eles nunca discutiam?

IMPERADOR (*Olympia*)

Todos os dias tinham brigas violentas. Isso é que é o amor. Era comum vê-los passeando num parque como um casal de namorados. Brigavam aos gritos, sem se importar com os outros. Nunca imaginei que as coisas pudessem ir tão longe.

ARQUITETO

Tão longe?

IMPERADOR (*Olympia*)

Alguns dias antes de a mãe dele desaparecer para sempre, de-sa-pa-re-cer . . .

ARQUITETO

O que quer dizer com esse tom irônico?

IMPERADOR (*Olympia*)

Acho que ninguém desaparece, mas que desaparecem com a pessoa.

ARQUITETO

Tem consciência da gravidade da sua acusação?

IMPERADOR (*Olympia*)

Nunca confundo nada. O que dizia é que, alguns dias antes do desaparecimento dela, aconteceu um incidente que acho que vale a pena contar. Enquanto dormia, seu filho se aproximou sem fazer nenhum barulho e, com muito cuidado, colocou perto da cama um garfo, sal, um guardanapo e um machado de açougueiro. Com muito jeito levantou o pescoço da mãe e, quando ia desferir uma bruta machadada para decapitá-la, ela se afastou. O acusado, em vez de ficar sem graça, teve um acesso de riso.

(O Imperador pára, é tomado de um riso histérico; antes já tinha tirado a máscara de Olympia.)

IMPERADOR

Carne de mãe. Boa e macia. Açougue-modelo. Artigo do dia. (*Ri como louco. De repente se vira para o Arquiteto, com ar muito sério, muito triste.*) Nunca lhe disse isso, mas você sabe? Quando vou para longe de você. . . (*Muito alegre*) Quando penso que poderia ter lhe dado um belo golpe com a machadinha e cortá-la em posta. Minha mãe em bifes. (*De novo, muito triste*) Você nunca soube, mas quando me afasto de você para ir. . . (*Muito digno*) Ir à privada, porque. . . (*Ri.*) Minha mãe era um caso sério. Espero que você não tenha acreditado numa só palavra do que disse Madame Olympia de Kant. (*Triste*) Pois bem, hoje você vai saber de tudo, vou lhe dizer toda a verdade. Afasto-me de você para blasfemar.

ARQUITETO

Mas por quê? Não quer blasfemar comigo?

IMPERADOR (*triste*)

Não me obrigue a causar escândalo. Não esqueça essas palavras históricas: "Se tua mão é causa de escândalo, é melhor cortá-la". "Se teu pé. . ." Será por isso que hoje em dia há tantos pernetas?

ARQUITETO

Não há escândalo algum. Se quiser podemos blasfemar juntos agora.

IMPERADOR (*inquieta*)

Juntos? Eu e você? Blasfemar?

ARQUITETO

Claro, seria maravilhoso!

IMPERADOR

Que tal blasfemar com música?

ARQUITETO

Ótima idéia!

IMPERADOR

Qual será a música que mais chateia Deus?

ARQUITETO

Você deve saber melhor do que eu.

IMPERADOR

Blasfemar com um fundo de música militar deve dar tanto prazer quanto um chute nos culhões. (*Triste*) Sabe

o que faço quando vou pra longe? Evacuo com grande dignidade, em recolhimento. Depois, com o produto, que me serve de tinta, escrevo: "Deus é um filho da puta. . ." Você acha que um dia ele vai me transformar em estátua de sal?

ARQUITETO

Porque agora ele transforma as pessoas em estátua de sal?

IMPERADOR (*grandiloqüente*)

Imbecil! Não leu a Bíblia? É inacreditável! Que juventude! Você não sabia? Deus o transforma em estátua de sal ou faz chover fogo do céu ou inunda a terra de água. Por isso, tome cuidado!

ARQUITETO

Está bem, vamos ou não vamos blasfemar juntos?

IMPERADOR

Como, você não tem medo?

ARQUITETO

Mas, você disse. . .

IMPERADOR

Não me faça recordar meus pecadinhos da juventude! Você nada sabe sobre as fraquezas da carne. Ouça com atenção. (*Toma a atitude dum tenor e canta com ênfase, num tom de ópera.*) Merda para Deus. Merda para sua imagem divina. Merda para sua onipresença. (*Ao Arquitecto*) Faça ao menos tra-lá-lá-lá-lá. Odeio Deus e todos os seus milagres.

ARQUITETO

Trá-lá-lá-lá-lá-lá.

IMPERADOR (*furioso*)

Animal! Como ousa me interromper?

ARQUITETO

Você, você quem pediu. . .

IMPERADOR

Cale a boca! Não viu que eu seguia a minha inspiração? Pensa que é fácil cantar ópera? (*Pausa.*) A propósito do julgamento, onde é que estávamos?

ARQUITETO

Agora, é você que está interessado?

IMPERADOR

Volte imediatamente para o seu lugar. Você nunca vai fazer justiça nessa ilha perdida. Se Cícero se levantasse do túmulo, que catilinárias ele iria compor para nós.

(*O Arquitecto põe a máscara de presidente do tribunal.*)

ARQUITETO

A justiça será feita. Que entre a testemunha seguinte. . . Um momento. . . O tribunal acredita ter ouvido todas as testemunhas. Vamos ouvir o que o acusado tem a dizer em sua defesa. Que acham da carta que encontramos: "Como o pássaro que voa para as margens sobre a cabeça dos pescadores que remam. . ."

IMPERADOR

Não diga mais nada, reconheço o estilo da minha mãe.

ARQUITETO (*resmungando, enquanto lê para si mesmo*)
Ham, que interessante! “Fui sempre para meu filho como uma rocha, como uma biblioteca, como um radies-tesista, para ele . . .”

IMPERADOR
A ladainha de sempre: todo o amor que ela me dedicou etc . . . etc . . .

ARQUITETO (*murmura e por fim lê*)
“Quando ele era pequeno, eu tinha de deitá-lo na calçada, cobri-lo com um lençol, depois aparecer, levantar o lençol e dizer: ‘Meu filhinho, meu tesouro, morreu longe da sua mãezinha . . .’”

IMPERADOR (*impaciente*)
Brincadeiras, brincadeiras inocentes. Nada de especial.

ARQUITETO
Não esqueça que ela escreveu essa carta alguns dias antes do seu pretenso desaparecimento.

IMPERADOR
O quê é que eu tenho com o desaparecimento dela?

ARQUITETO (*lendo*)
“Temo que alguma coisa horrível aconteça, ultimamente ele ficou muito esquisito, me faz mil malcriações sem nenhum motivo. Quando, nas claras noites de luar, passeamos no bosque, não dançamos mais a farândola como antigamente, tenho a impressão de que ele me espiona, que me . . .”

(*O Imperador sai correndo. Arquiteto*)

tira a roupa de presidente e coloca a máscara de mãe, depois se embrulha num xale, com o qual cobre a cabeça. O Imperador executa uma dança endemoniada, e canta.)

IMPERADOR
De noite, as estrelas
Se cobrem de meias e ligas de mulher.
De noite, as estrelas
Me chamam para o interior de meu cérebro.

(*O Arquiteto-mãe dança com ele, uma espécie de farândola.*)

IMPERADOR (*pára de repente*)
Vou dar você para o cachorro.

ARQUITETO (*mãe*)
Que é que você está dizendo, meu filhinho?

IMPERADOR
Vou matá-la e mandar o cachorro comê-la.

ARQUITETO (*mãe*)
Meu filhinho, como você está perturbado, meu pobre filhinho querido.

IMPERADOR
Mamãe, sou muito infeliz.

ARQUITETO (*mãe*)
Filhinho, estou aqui para ajudá-lo.

IMPERADOR
Você vai ficar sempre junto de mim para me ajudar?

ARQUITETO (*mãe*)

Mas que idéia! Você não gosta mais de mim?

IMPERADOR

Gosto. Olhe, sou uma banana, me descasque e me coma se quiser.

ARQUITETO (*mãe*)

Filhinho, ponha um pouco de juízo nessa cabeça. Você está ficando louco. Está sempre só. Deve sair mais, ir ao cinema . . .

IMPERADOR

Todo mundo me detesta.

ARQUITETO (*mãe*)

Venha ao meu colo, que vou niná-lo. (*Pousa a cabeça no colo do Arquitecto-mãe.*) Filhinho, não chore. Pobrezinho. Ninguém gosta dele porque é melhor do que os outros. Todos têm inveja.

IMPERADOR

Mamãe, deixe-me sentar a seus pés como quando eu era pequenininho.

ARQUITETO (*mãe*)

Está bem, meu filhinho.

(O Arquitecto-mãe levanta os pés. O Imperador, sentado de costas para a mãe, apóia o pescoço contra a planta dos pés do Arquitecto. Posição muito delicada para ser tomada e para ser mantida. O Arquitecto-mãe canta uma canção de ninar.)

Tutu marambá não venha mais cá
Que a mãe do menino te manda matar
(*ou qualquer outra canção de ninar.*)

(A mãe cantarola enquanto o Imperador cochila. De repente ele se levanta, tomado do maior frenesi.)

IMPERADOR

Que me ouçam todos os séculos: é verdade, matei minha mãe, eu mesmo, sem ajuda de ninguém.

(O Arquitecto corre e veste a roupa de presidente do tribunal.)

ARQUITETO

Tem consciência da gravidade de sua confissão?

IMPERADOR

Para mim tanto faz. Que todos os castigos do céu caiam sobre mim, que seja devorado por mil plantas carnívoras, que um esquadrão de abelhas gigantes chupe o sangue de minhas veias, que me amarrem pelos pés no espaço infinito, a dez milhões de anos-luz desse planeta; que os dragões de Satã me queimem as nádegas até que se transformem em dois tamborins escarlates.

ARQUITETO

Como foi que você a matou?

IMPERADOR

Com uma martelada na cabeça, enquanto dormia.

ARQUITETO

Teve morte instantânea?

IMPERADOR

Teve. *(Sonhador)* Que coisa estranha, da abertura da sua cabeça escaparam uns vapores e tive a impressão de que da ferida saía um jacaré. Subiu na mesa que estava na minha frente, sua garganta saliente se agitava ofegante e ele me olhava fixamente. Examinando de mais perto, percebi que o rosto dele era o meu próprio rosto. E quando procurava aprisioná-lo, desapareceu como se fosse um fantasma.

ARQUITETO

Mas quando . . .

IMPERADOR

Depois, não sei por que, tive uma vontade horrível de chorar. Sentia-me muito infeliz. Beijava minha mãe, e minhas mãos e meus lábios ficaram sujos de sangue. Quis gritar por ela, mas ela não me respondia, e me senti cada vez mais triste e mais infeliz. *(O Imperador procura.)* Mãezinha, sou eu. Não queria machucá-la. Que é que você tem? Por que não se mexe mais? Olhe como você está sangrando. Quer que eu dance só para você? *(Começa a se contorcer, a executar falsas piruetas, muito mal feitas, recitando)*

“Era uma vez uma princesa muito bonita que se chamava Branca de Neve”. *(Geme.)*

“Ela morava num palácio . . .”

Mãezinha, eu não queria machucá-la, dei apenas uma marteladinha, bem de leve. . . “muito bonito, mas tinha uma madrasta muito má”. Você gostou, mãezinha querida? Contei bem? Fale comigo. *(Pausa.)* Diga alguma coisa.

(O Arquiteto bate na mesa.)

ARQUITETO

O que fez com o cadáver? Como explica que não tenha aparecido nunca?

IMPERADOR

E . . . *(Baixa a cabeça, timidamente.)* Que importância tem?

ARQUITETO

A justiça deve saber de tudo.

IMPERADOR

O policial que nós tínhamos . . . o cachorro. O cachorro . . . quer dizer . . . comeu o cadáver.

ARQUITETO

E você não impediu?

IMPERADOR

Eu . . . não . . . mas que mal há nisso? . . . Ele levou muitos dias. Cada dia comia um pedaço . . . Eu é que abria a porta para ele entrar.

ARQUITETO

Ele devorou tudo, mesmo os ossos?

IMPERADOR

Os que ele não tinha roído eu joguei na lata de lixo da Faculdade de Medicina.

ARQUITETO

O tribunal julgará seus atos.

IMPERADOR (*num tom muito falso*)

Como um barco com as velas infladas pára em todas as escalas do seu itinerário, assim minha dor conhecerá todas as escalas do martírio. (*Tom sincero*) Arquiteto, me condene à morte, sei que sou culpado. Sei que mereço. Não quero suportar por um minuto a mais essa vida frustrada, cheia de fracassos. Acho que teria sido feliz num aquário, cercado de água e de peixes onde as garotas viriam me ver aos domingos... Em vez disso... Arquiteto, diga que é... meu amigo, diga que, apesar de tudo, você não vai me mandar embora hoje de noite.

ARQUITETO

Estamos aqui para julgá-lo.

IMPERADOR

Arquiteto, diga de uma vez que você me condenou. (*Pausa.*) Escute, sou sua Fênix. (*Imita Fênix.*) Suba nas minhas costas e o levarei ao paraíso das lições obscuras.

ARQUITETO

Nada de histórias. O senhor está diante de um tribunal.

IMPERADOR

Meus argumentos são seus cisnes redondos durante o último período de lua cheia.

ARQUITETO

Você será julgado com grande severidade.

IMPERADOR

Posso saber qual será meu castigo?

ARQUITETO

A morte.

IMPERADOR

Posso escolher minha morte?

ARQUITETO

Fale.

IMPERADOR

Queria ser morto por você com uma martelada; Arquiteto, você mesmo vai me matar.

ARQUITETO

Acho que podemos satisfazer os seus desejos.

IMPERADOR

Mas sobretudo...

ARQUITETO

Não deseje, exija, é a última vontade de um condenado à morte. Fale de uma vez.

IMPERADOR

Depois da minha morte...

ARQUITETO (*tirando a toga*)

Imperador, você está falando sério?

IMPERADOR

Muito sério.

ARQUITETO

Seu julgamento, seu processo, era apenas mais uma brin-

cadeira . . . mas parece que você levou a sério. Imperador, você sabe que eu gosto de você.

IMPERADOR (*emocionado*)
Você está falando sério?

ARQUITETO
Muito sério.

IMPERADOR (*mudando de tom*)
Mas hoje não estávamos brincando.

ARQUITETO
Hoje é um dia como os outros.

IMPERADOR
Não, era diferente, confessei-lhe muita coisa que não queria confessar.

ARQUITETO
Tanto faz. Você me beija? (*O Arquiteto fecha os olhos. O Imperador se aproxima dele e lhe beija muito cerimoniosamente a testa.*) Na testa?

IMPERADOR
Eu o respeito, que é que você entende disso?

ARQUITETO
Ensine-me, como tudo que me ensinou.

IMPERADOR
Hoje você vai me matar: você me condenou à morte e deve executar a sentença.

ARQUITETO

Mas morrer não é uma brincadeira como as outras: é irreparável.

IMPERADOR

Eu exijo. É meu castigo . . . são esses os meus últimos desejos!

ARQUITETO

Fale.

IMPERADOR

Desejo . . . desejo . . . que você me coma, que me coma. Que seja ao mesmo tempo eu e você. Você deve me comer inteiro, Arquiteto, entendeu?

(*Escuridão.*)

QUADRO II

Algumas horas mais tarde. Sobre a mesa que antes serviu para o julgamento jaz o cadáver nu do Imperador. A mesa está posta como para uma refeição. Quando a cena se ilumina, o Arquiteto aparece, com um enorme guardanapo amarrado ao pescoço. À medida que se passa a ação, o Arquiteto toma a voz, o tom, os traços e as expressões do Imperador. Quando volta a luz, o Arquiteto está cortando o pé do Imperador com um garfo e uma faca.

ARQUITETO

Frágil! Tinha o tornozelo muito duro. *(Serra um pouco para arrancar, mas em vão. Dirigindo-se para a cabeça de morto do Imperador)* Eh! Imperador, que é que você tem nos ossos dos pés que não há jeito de quebrar? *(Entra na cabana e sai com um serrote rudimentar. Serra com o serrote. O pé resiste.)* Matá-lo... comê-lo... E eu aqui sozinho. Quem me levará agora para a Babilônia no dorso de um elefante? Quem vai coçar minhas costas para eu dormir? Quem vai me açoitar quando eu quiser? *(Dirige-se para as folhagens)* Toupeiras, vão buscar um machado, para que eu consiga arrancar esse maldito pé. *(Estende a mão, não acontece nada.)* O que é que está

acontecendo? Não me obedecem? Sou eu quem fala, eu sou o Arquiteto e não o Imperador. Tragam-me um machado. *(Estende a mão. Espera inquieto. Depois de um grande tempo de expectativa um machado aparece entre as folhagens).* Custaram, esses vagabundos. Será que não me obedecem mais? Vejamos. Que a chuva e a tempestade caiam imediatamente. *(Espera angustiado.)* O quê? Isso também não? Sinto-me diferente. Estou inquieto. Banhei-me na fonte da juventude, fiz todos os exercícios e no entanto não obedecem mais. *(Tempestade e chuva.)* Ah! Ainda bem! Antes tarde do que nunca. *(Com o machado na mão se dirige para o Imperador. Golpeia violentamente o pé do Imperador e consegue cortá-lo. Toma-o nas mãos. Segura o pé e o examina bem de perto.)* Aqui estão os cinco dedos. Os calos. Belo pé, um pouco grande. Viva Deus. Não deve mais sentir cócegas. *(Faz cócegas na sola do pé. É ele quem ri.)* Comê-lo assim, sem molho... um salzinho até que não seria ruim. *(Põe sal. Morde e saboreia a dentada.)* Hum! até que é gostoso. Fico com a boca cheia d'água. *(De repente pára de comer, aterrorizado.)* Espero que hoje não seja dia de jejuar. Será que é sexta-feira? Acho que não. Qual é mesmo a religião que proíbe comer carne às sextas-feiras? Esse nojento do Imperador! Não me disse. Numa, tem essa história de sexta-feira e de cruzadas. Ora bolas, não me lembro de nada. Na outra, haréns. Está uma meleira na minha cabeça. Se não me falha a memória, todas proibem a masturbação, exceto quando... Que diabo, onde é que estão esses malditos livros de piedade? Mas, afinal de contas, qual a minha religião? Bem, é melhor eu esquecer isso. *(De repente muito inquieto)* O papel, onde é que está o papel? *(Sai, entra na cabana e volta com um pedaço de papel na mão. Lendo o papel)* "Quero que se vista como minha mãe para me comer. Não es-

queça de vestir o espartilho de lacinhos.” Ora, ia esquecendo o principal. *(Dirige-se para a cabana e volta com uma grande mala onde está escrito com letras grandes: “Roupas de minha mãezinha adorada”. Abrindo a mala)* Que cheiro! Porra! Essa senhora deve ter feito xixi em cima disso. Fedem mais que o Imperador. E quando ele inventava de mexer no sexo, fedia mais que uma lebre. Que idéia: o dia todo mexendo nele, botando para fora, contemplando . . . *(De repente começa a rir.)* E, quando o escondia entre as pernas, dava a impressão de que não tinha. Era uma criança. *(Tira o espartilho. Veste. Começa a amarrar.)* Para que todos esses lacinhos? Espera aí! Será que eu estou falando igualzinho ao Imperador? Que é que está acontecendo comigo? Estou falando sozinho também. Como ele dizia: estou só, isso me fornece a ocasião de ser shakespeariano e de dizer um monólogo. Maldito espartilho! Quem inventou isso? Por que mandou disfarçar-me com as roupas da sua mãe? Bem, é melhor não misturar as coisas. *(Para poder melhor apertar os laços, ele os pendura num galho. Amarra com violência.)* Sufoco. Como é que elas se arrumavam para se deixar bolinar com todas essas quinquilharias? *(Terminou de amarrar o espartilho. Envolve-se num xale e coloca um chapéu rococó.)* Que mãe maravilhosa eu fico! Minhas entranhas estão prestes a engendrar o próprio Nero . . . *(Inquieto)* Mas não era assim que falava o Imperador? Abaixo a monarquia! Estou cheio de você e da sua mãe. Essa é a última coisa que faço por você, comer seu cadáver, vestido como sua mãe, depois vou para outras praias com a minha canoa. Ouço, vindo das águas, o chamado de dez mil trombetas de Jericó. Do meu ventre vai nascer a luz que vai me guiar para um país onde viverei sufocado de felicidade, onde as crianças correrão como as rainhas de Sabá e onde os velhos domi-

nação as mulheres de mãos acariciantes. *(Está sumariamente disfarçado de mãe. Senta-se à mesa e come cerimoniosamente mais um pedaço do pé do Imperador. Pára de mastigar e fala chorando, para a cabeça do Imperador.)* Sabe, sinto muito. Estou muito sozinho. Você me fazia companhia. Promete que vai ressuscitar. Por que você não fala comigo? Diga ao menos que é meu amigo. *(Espera um pouco.)* Por favor, diga alguma coisa. Faça um milagre. Os santos falam depois de mortos, você mesmo me contou. Faça um milagre para mim. Qualquer um . . . para que sinta a sua presença, isso é tudo que desejo. Olhe esse copo d’água, faça-o virar uísque. *(Levanta o copo.)* Vamos, faça um esforço. É um copinho pequenininho. Se eu lhe pedisse para fundir um sino de igreja e tornar fecundas as mulheres estéreis que o tocassem, você podia reclamar, mas só um uísque . . . um esforçozinho . . . Então um ainda mais fácil: transforme a água em vinho branco. *(Espera, sem nada acontecer.)* Em vinho branco. É tão fácil. . . Em sangria. *(Furioso)* Está bem, não falo mais com você. Que se dane. Acabe de morrer sozinho. *(Morde furiosamente o pé do Imperador. Toma o copo de água que tinha levantado antes. Leva-o aos lábios para beber. Furioso, joga-o longe.)* Porco, bosta. Transformou a água em purgante. Você é um trapaceiro, um santo de botequim. Se isso é um milagre, eu sou Sarah Bernhardt. *(Devora um grande pedaço do pé.)* Que é que você quis dizer com isso? Purgante. Então há uma outra vida. . . um além. Se tivesse uma mesa com três pés me comunicava com ele. Em todo caso ainda tenho escolha. Depois que tiver comido o cérebro dele com todo o ácido nucleático, serei capaz de tudo. *(Dirige-se à cabana e volta com um cinzel de escultor e um canudinho.)* Permite? Primeiro vou chupar teu ácido nucleático, graças a ele. . . mas claro, eu com-

preendo, o purgante era para a mãe dele. . . Para a mãe dele. *(Ri.)* Graças ao seu ácido nucleático vou ser dono de sua memória, dos seus sonhos . . . dos seus pensamentos. *(Bate no cinzel colocado atrás da orelha do Imperador. Faz um buraco. Enfia o canudinho. Aspira o cérebro, pedaços de uma substância parecida com iogurte escorrem pelas suas faces. Ele lambe.)* Uf! *(Terminou de chupar o cérebro.)* Sinto-me outro homem. Bem que me-reço uma sesta. Gorilas da floresta, vão buscar uma rede. *(Espera com confiança.)* O que é que está acontecendo? Não ouviram? Pedi uma rede. *(Espera com impaciência.)* Mas como? Não querem me obedecer? *(Dirige-se para as folhagens.)* Ei, você aí, gorila. Vá buscar uma rede para mim. *(Espera algum tempo.)* Não somente não me obedece, como sai correndo. É o cúmulo! *(Senta-se gemendo tristemente.)* Perdi toda a minha autoridade.

(Ecuridão.)

QUADRO III

Sobre a mesa não restam do Imperador senão os ossos. O Arquiteto tem a mesma entonação de voz que o Imperador, os mesmos gestos. Quando volta a luz, o Arquiteto está chupando o último osso.

ARQUITETO

Agora que não posso mais dominar os animais, vou treinar uma cabra. Quando eu lhe mandar assinar com o casco, ela fará um rabisco, quando lhe disser para imitar Einstein, ela vai por a língua para fora, quando mandar fazer o bispo ela vai se ajoelhar. Imperador, onde é que você está? Como o pude comer tão facilmente? Você é pó e ao pó há de voltar. . . E o sol? Será que o sol ainda me obedece? Vamos verificar: que caia a noite. *(Não acontece nada. Chupando de novo o último osso, ele o coloca sobre a mesa.)* Agora posso dizer, sem mentir, que terminei. *(Os ossos ficam sobre a mesa, onde formam uma espécie de esqueleto deslocado.)* Falo sozinho como se estivesse com ele. É preciso me dominar. *(Empurra a mesa com a mão e um dos ossos cai no chão. Ele se abaixa para apanhá-lo. Desaparecem totalmente aos olhos dos espectadores.)*

VOZ DO ARQUITETO

Onde caiu esse maldito osso?

(Quando reaparece, é o Imperador que surge de debaixo da mesa, vestido como o Arquiteto.)

IMPERADOR (Arquiteto)

Ah! Está aqui. Aqui está o maldito osso. Preciso tomar cuidado. Derrubo tudo. Uma cabra, isso mesmo, uma cabra sábia que vai ser princesa da Caldéia ou imperatriz ou uma freira libidinosa. *(Empurra a mesa onde estão os ossos e a mesa desaparece.)* Que desapareçam todos os traços da ceia imperial! Enfim só! Agora tenho certeza, vou ser feliz. Uma vida nova começa para mim. Esqueço todo o passado. Mais ainda, esqueço todo o passado, mas para tê-lo mais presente ainda, no espírito, para não recair em nenhum dos meus erros de outrora. Nada de sentimentalismo. Nada de lágrimas pelos outros. *(Chora. Retomando)* Já disse, nem uma lágrima pelos outros. Sereno. Tranquilo. Feliz. Sem complicações, sem sujeição. Vou estudar e chegarei a descobrir sozinho o eterno movimento do universo. *(Estende uma perna e olha na direção oposta.)* Coce-me a perna, me faça cócegas. *(Lentamente, o rosto virado para o lado oposto, deixa escorregar uma das mãos para a perna. No momento em que toca o joelho com a mão, diz voluptuosamente)* Assim, aí, coce, aí, devagar, mais embaixo, com a unha. Com mais força. Com as unhas. Estou dizendo com as unhas. Com mais força. Coce com mais força. Aí. Mais ainda. Mais para baixo. Com força. Com força.

(De repente é tomado de frenesi. Segura com a outra mão aquela que o estava coçando, como se ela não tivesse vida, e a contempla surpreso.)

IMPERADOR

Que orgias preparo para mim! Eu sozinho. Vou ser o primeiro, o único, o melhor. Preciso prestar atenção para que ninguém me veja. Escondido dia e noite. E nada de fogo. Nada de cigarro. A luz de um megaton é captada pela televisão de um radar a 10 000 km à sua volta. É preciso tomar todas as precauções. Vou cantar árias de ópera. *(Canta.)* "Fígaro - Fígaro - Fígaro - Fígaro." Que sujeito! E como sou único, a humanidade não vai me invejar, nem me perseguir. Ninguém vai conhecer o talento que possuí esse único habitante de um planeta, quero dizer, de uma ilha solitária. E por isso, agora, já que ninguém me ouve... *(Louco de alegria)* Viva eu! Viva eu! E merda para os outros! Viva eu! Viva eu! Viva!

(Dança feliz, louco de alegria. Nesse momento ouve-se um barulho de avião. O Imperador escuta por um momento, imóvel, depois, como um animal perseguido e ameaçado, procura um refúgio, corre em todas as direções, escava a terra, treme, recomeça a correr e por fim enfia a cabeça na areia. Explosão. Luz forte de chamas. O Imperador, com a cabeça na areia, tapa os ouvidos com as mãos e treme de medo. Alguns minutos depois o Arquiteto entra em cena. Traz uma grande mala. Tem uma certa elegância afetada. Procura recobrar seu sangue-frio. Toca o Imperador com a ponta da sua bengala, dizendo)

ARQUITETO

Cavalheiro, venha me ajudar, sou o único sobrevivente do acidente.

IMPERADOR (horrorizado)

Fi! Fi! Figa Figa! Fi! Fi!

(Olha-o por um momento aterrado e sai correndo. A cortina cai na mesma hora.)

FIM

Casa de Campo, 1965.

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	V
<i>Personagens</i>	5
ATO I	7
Quadro I	9
Quadro II	10
ATO II	77
Quadro I	79
Quadro II	124
Quadro III	129